

**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO RIO
GRANDE DO SUL
CAMPUS FELIZ
CURSO DE LICENCIATURA EM QUÍMICA**

Luan Isaías Arend

A DOCÊNCIA DOS PROFESSORES DE QUÍMICA EM TEMPOS DE PANDEMIA

**FELIZ
2021**

Luan Isaías Arend

A DOCÊNCIA DOS PROFESSORES DE QUÍMICA EM TEMPOS DE PANDEMIA

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao Curso Superior de Licenciatura em Química do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul como requisito para a obtenção do título de Licenciado em Química.

Orientadora: Prof^a Dr^a Carine Winck Lopes

FELIZ
2021

Luan Isáfas Arend

A DOCÊNCIA DOS PROFESSORES DE QUÍMICA EM TEMPOS DE PANDEMIA

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao Curso Superior de Licenciatura em Química do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul como requisito para a obtenção do título de Licenciado em Química.

Orientadora: Prof^a Dr^a Carine Winck Lopes

Aprovado em: ____ / ____ / ____.

BANCA EXAMINADORA:

Prof^a. Carine Winck Lopes (orientadora)

Prof^o. Edson Carpes Camargo

Prof^o Francisco Cunha da Rosa

Dedico esse trabalho a todos os professores que durante a pandemia da COVID-19 não mediram esforços para que a educação, dentro das limitações de cada um, acontecesse de forma a evidenciar a força e o comprometimento dos educadores. Para além disso, aos profissionais da saúde, que abdicaram de momentos em família e arriscaram suas vidas em prol do próximo. Que Deus abençoe todos e que no futuro, tanto a sociedade, como também quem a governa, possam reconhecer o trabalho dessas classes que são fundamentais na vida das pessoas.

AGRADECIMENTOS

A Deus e a todos os meus protetores.

Aos meus pais, pelo dom da vida, por todos os ensinamentos, incentivos e, dessa forma, permitir progredir na vida acadêmica.

Aos demais familiares e amigos, em especial ao meu irmão Josué, cunhada Eliana, sobrinha Yasmin, sogra, sogro, tios, tias, primos, primas, avôs e avós (in memoriam Lelia Ludwig) que fizeram parte da minha vida, pela compreensão quando me fiz ausente nos momentos em família e pelo apoio ao longo da trajetória acadêmica.

À minha estimada esposa Thuani, que durante esse período tão importante não mediu esforços e me acompanhou em vários momentos dessa caminhada. À você, todo o meu amor, carinho, respeito e admiração. Sem a sua presença e apoio não seria possível tamanho resultado.

À minha orientadora, Prof^a Dr^a Carine Winck Lopes, que durante esse período não mediu esforços para orientar o trabalho e a pesquisa de forma tão tranquila, segura e motivadora. Agradeço o forte incentivo e por acreditar no meu desempenho. Gratidão pelos momentos de conversa e compartilhamento que, sem dúvidas, levarei comigo para superar as dificuldades da profissão docente. Que assim como eu, outros alunos possam ter a oportunidade de vivenciar aulas como a sua, que transbordam sentimentos de alegria, satisfação e amor pela profissão. À você, desejo sucesso e que possa continuar inspirando e transformando vidas.

Aos professores avaliadores da banca, Prof^o Dr^o Edson Carpes Camargo e Prof^o Dr^o Francisco Cunha da Silva, agradeço por terem contribuído de forma positiva e construtiva ao longo da graduação na minha formação enquanto professor, permitindo reflexões a respeito da prática docente e conhecimentos específicos em Química. Que esta leitura seja tão valiosa e significativa como as suas aulas foram ao longo dos últimos anos.

Aos sujeitos participantes da pesquisa desenvolvida através de um questionário, pela atenção, disponibilidade e força de vontade. À vocês, colegas de profissão, toda a minha admiração.

Aos meus colegas de curso, agradeço fielmente por terem sido companheiros (as) e amigos (as) ao longo dessa caminhada. Gratidão pelos momentos compartilhados, pesquisas realizadas e conhecimentos adquiridos. Em especial à

minha colega Aline, que desde o início, em 2015, se manteve firme comigo, compartilhando momentos de alegrias, dificuldades e superação. Que o elo de amizade construído se mantenha para além da graduação.

“Ninguém começa a ser educador numa certa terça-feira às quatro da tarde. Ninguém nasce educador ou marcado para ser educador. A gente se faz educador, a gente se forma, como educador, permanentemente, na prática e na reflexão sobre a prática”. (FREIRE, 1991, p. 58).

RESUMO

Trata-se de Trabalho de Conclusão de Curso centrado principalmente no docente licenciado em Química e suas vivências em meio a pandemia da Covid-19. Propõe compreender e problematizar quais foram as transformações e adaptações necessárias nesse período. Dentre os objetivos específicos, destacam-se a reflexão sobre a constituição da identidade profissional do professor de química, a compreensão do modo como o docente manteve o vínculo com os alunos e a escola nesse período, analisar as principais metodologias e ferramentas utilizadas, e ainda, reconhecer a importância do docente enquanto profissional, mas também, como ser humano em relação a si próprio e sua família. A empiria está composta por dados qualitativos, resultantes de respostas obtidas a partir da aplicação de questionário enviado no formato online para professores licenciados em Química e que estão exercendo a docência durante a pandemia. A problematização teórica se pauta em autores que tematizam a trajetória identitária do docente como Pimenta (1996) e Geraldi (2010) e as perspectivas referentes à docência como Baccon (2011), Tozetto (2010), Nóvoa (1992), Freire (2004), entre outros. As análises realizadas permitem afirmar que as transformações provocadas pela pandemia na educação modificaram o lado pessoal e profissional dos docentes e dos discentes. Sem muitas escolhas, assolados pela pandemia da Covid-19, os professores tiveram que se adaptar ao novo modelo de ensino, de aulas programadas, assim como o modelo de ensino híbrido.

Palavras-chave: Docência em Química. Pandemia COVID19. Licenciatura em Química.

ABSTRACT

This is a course completion work focused mainly on teachers with a degree in Chemistry and their experiences in the midst of the Covid-19 pandemic. It proposes to understand and discuss what were the necessary changes and adaptations during this period. Among the specific objectives, we highlight the reflection on the constitution of the professional identity of the chemistry teacher, the understanding of how the teacher maintained the bond with the students and the school in this period, analyze the main methodologies and tools used, and also recognize the importance of the teacher as a professional, but also as a human being in relation to himself and his family. The empiric is composed of qualitative data, resulting from answers obtained from the application of a questionnaire sent in online format to teachers who are licensed in Chemistry and who are teaching during the pandemic. The theoretical problematization is based on authors who thematize the teacher's identity trajectory, such as Pimenta (1996) and Geraldi (2010) and perspectives related to teaching, such as Baccon (2011), Tozetto (2010), Nóvoa (1992), Freire (2004) , among others. The analyzes carried out allow us to affirm that the transformations caused by the pandemic in education have modified the personal and professional side of teachers and students. Without many choices, plagued by the Covid-19 pandemic, teachers had to adapt to the new teaching model, of scheduled classes, as well as the hybrid teaching model.

Keywords: Teaching in Chemistry. COVID19 pandemic. Chemistry graduation.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. REFERENCIAL TEÓRICO	15
2.1 A trajetória identitária dos docentes	15
2.2 Docência em Química	19
3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	27
4. ANÁLISE DE DADOS	30
4.1 Os sujeitos da pesquisa	30
4.2 Os desafios enfrentados pela pandemia do COVID 19	38
4.3 Novos caminhos de ensinar e aprender	44
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	54
REFERÊNCIAS	57
APÊNDICES	62
APÊNDICE 1 - Termo de consentimento	62
APÊNDICE 2 - Questionário enviado aos sujeitos participantes	63

1. INTRODUÇÃO

Recentemente, o mundo foi atingido pela pandemia da Covid-19, um vírus com capacidade de se propagar rapidamente e por vezes, mortal. Devido a isso, foi necessária uma adequação na maneira como as pessoas vivem, trabalham, socializam e, principalmente, estudam.

Preocupado em conter o contágio pelo vírus, o Ministério da Saúde, no início do mês de março de 2020, determinou a realização de quarentena e distanciamento social em todo o Brasil. Paralelamente, foram adotadas outras medidas de segurança, como por exemplo, o uso de máscara e álcool em gel 70%.

A partir deste momento, o Estado do Rio Grande do Sul (assim como outros estados), declarou a suspensão das aulas, cursos e treinamentos presenciais em todas as escolas, autoescolas, faculdades, universidades, públicas ou privadas, municipais, estaduais ou federais, e demais instituições de ensino, de todos os níveis e graus, bem como em estabelecimentos educativos, de apoio pedagógico ou de cuidados a crianças, incluídas as creches e pré-escolas (RIO GRANDE DO SUL, 2020).

Devido a todos esses acontecimentos e, levando em consideração, os profissionais atingidos diretamente por essas mudanças (e aqui referimo-nos aos professores), essa monografia busca refletir, a partir de pesquisas realizadas e respostas dadas ao questionário aplicado, sobre os principais desafios impostos pela pandemia aos docentes, particularmente, os professores do ensino de Química, e suas implicações, com o intuito de valorizar o trabalho desenvolvido pelos mesmos, seja no âmbito profissional, como também, pessoal.

Nessa perspectiva, acredita-se importante destacar que a escolha pelo tema dessa pesquisa e a maneira como decorreu está intimamente ligada com a minha trajetória acadêmica enquanto discente e, posteriormente, docente, na qual exerço com muito orgulho e dedicação, por acreditar que a educação ainda é a melhor alternativa para o desenvolvimento pessoal.

Iniciei os estudos no ano de 2015, como discente, no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul - Campus Feliz, no curso de Licenciatura em Química.

Até o momento completaram-se seis anos nesta instituição, que através de docentes mestres e doutores, desenvolve um trabalho voltado para a formação de

profissionais qualificados e que, por sua vez, através de suas experiências de vida e docência, sinalizam práticas pedagógicas que serviram de exemplo para posterior aplicação em sala de aula. Durante esse tempo, participei de mostras técnicas, semanas da licenciatura, projeto de pesquisa, visitas técnicas e, claro, aulas teóricas e práticas nas salas de aula e no laboratório de química, que contribuíram para a formação desenvolvida até o momento.

Mas, antes disso, sempre demonstrei interesse pela área da Licenciatura, influenciado pelas valorosas aulas desenvolvidas pelos professores(as) do ensino fundamental e ensino médio. Estudei entre os anos de 2003 à 2011 em uma escola municipal no interior da cidade de Feliz, próximo a minha antiga residência, onde, depois de muitos anos, tive a oportunidade de retornar como docente estagiário em uma turma de 6º ano da disciplina de Ciências, na qual a professora regente já havia sido minha professora. Mais tarde, entre os anos de 2012 e 2014, realizei o ensino médio em uma Escola Estadual localizada na cidade de Linha Nova. Ali, pela primeira vez, estava tendo contato com a disciplina de Química, ministrada por uma docente que envolvia os alunos por suas aulas dinâmicas, lúdicas e práticas. Guardo, na memória, recordações de momentos felizes e repletos de aprendizados e um sentimento imenso de gratidão por cada ensinamento. Sem dúvida, todos influenciaram positivamente na minha escolha profissional.

Após ter ingressado no ensino superior, aos 17 anos, aos poucos a necessidade de estabelecer uma independência financeira tornou-se frequente. Tal situação, conduziu-me ao primeiro emprego, também na cidade de Feliz, em uma loja de eletrodomésticos, no comércio. Permaneci nesta empresa entre março de 2016 e junho de 2018, até receber o convite pela 4ª Coordenadoria Estadual de Educação para exercer a docência na disciplina de Química em uma escola da rede pública Estadual localizada na cidade de Picada Café, na qual faço parte até hoje. Lembro-me perfeitamente da emoção que senti no momento, afinal, após alguns anos dedicados ao curso, estaria assumindo pela primeira vez a profissão que havia escolhido.

Após um ano de experiência em sala de aula, fui agraciado por mais um convite especial, no início de 2019. Mediado por uma colega professora da rede estadual, fui convidado a assumir aulas de química em uma escola da rede privada, localizada na cidade de Nova Petrópolis, onde, no mesmo ano, fixei residência.

Atualmente, tenho a oportunidade de trabalhar em três escolas, sendo duas da rede estadual, na qual desenvolvo aulas nas disciplinas de Química e física (ensino médio) e ciências (ensino fundamental). E na rede privada, com as aulas de química.

Durante suas trajetórias, os docentes têm a oportunidade de participar de inúmeras formações de diferentes temáticas, que permitiam desenvolver aulas cada vez mais capacitadas, criativas e com foco no desenvolvimento das aptidões e habilidades dos alunos. Porém, em momento algum, conteúdos que contemplavam o ensino remoto, híbrido ou EAD, tão necessários durante o período pandêmico.

Diante deste quadro, levando-se em consideração todas as experiências vivenciadas antes e durante a pandemia com a educação, as mudanças provocadas por esse período e pela maneira como a classe docente precisou se reinventar, está centrada a justificativa e escolha deste tema.

A docência exerce um papel importante na vida de muitas pessoas, principalmente, na do(a) aluno(a), mas também, direta ou indiretamente, na de todos que são influenciados por ela. É a partir das práticas pedagógicas desenvolvidas em sala de aula que construímos conhecimentos e valores que podem ser levados para o resto de nossas vidas.

O profissional da área da Educação, o professor, assim como todas as outras profissões, teve sua identidade reformulada ao longo dos anos. Assim, podemos destacar como fatores responsáveis por essa mudança a 1ª e 2ª Revolução Industrial e os avanços na tecnologia.

Desde então, a maneira como o processo de ensino e aprendizagem aconteceu também mudou. Podemos destacar aqui desde o uso do mimeógrafo até as modernas impressoras digitais e, muitas vezes, a substituição do quadro escolar por projetores. A disposição dos alunos na sala, as metodologias, a maneira como avalia-se o aluno sofreu alterações.

Mudanças foram acontecendo, ano após ano, e que aos poucos, possibilitaram aos docentes, uma adaptação tranquila e, às vezes, opcional. O que não se esperava era ter que, de um dia para o outro, tornar a sala de casa a nossa própria sala de aula. Sem muitas escolhas, assolados pela pandemia da Covid-19, os professores tiveram que se adaptar ao novo modelo de ensino, de aulas programadas, assim como o modelo de ensino híbrido.

Entender como esse processo aconteceu, quais os desafios dentro e fora da sala de aula, quais as metodologias e ferramentas utilizadas, como se estabeleceu a relação aluno-professor-escola, tornam-se a linha de pesquisa deste trabalho, centrados no tema “A docência do professor de Química em tempos de pandemia.”

Sob esse ângulo, torna-se possível evidenciar as próprias situações experienciadas na pandemia enquanto professor. Ao iniciar a quarentena, por volta do dia 18 de março de 2020, lembro-me que a escola da rede particular já estava devidamente equipada com uma plataforma virtual, disponibilizada pelo município de Nova Petrópolis, e nela todos os alunos encontravam-se cadastrados (todos com acesso à internet), iniciando, já no dia 23 do mesmo mês, as aulas remotas. Enquanto que na rede estadual, adotou-se durante os primeiros meses, as redes sociais, principalmente, grupos de whatsapp para envio dos materiais, que posteriormente foram sendo aliadas ao Google Sala de aula. Vale destacar que alguns discentes optaram por retirar as atividades de forma impressa, uma vez que, nem todos dispunham de internet em suas casas.

Paralelamente, iniciava-se um período de muita instabilidade, de descobertas englobando toda a comunidade escolar, composta por funcionários, professores, direção e familiares. Dessa forma, as aulas foram sendo aprimoradas após inúmeros retornos e reuniões vindas das famílias e equipe diretiva.

Para além disso, compreender que enquanto docentes de Química, desenvolvemos ao longo da prática pedagógica, aulas criativas, produtivas e motivacionais, com o intuito de proporcionar aos discentes a qualidade no ensino e nas aprendizagens. Mas, diante de um cenário causador de tanta preocupação, incertezas e medo, devido a pandemia, como foi e será possível manter tamanha qualidade? Quais foram as vivências, transformações e adaptações dos docentes de Química no período da pandemia? Utilizaram quais metodologias e ferramentas nas aulas? Ocorreram mudanças na sua jornada de trabalho? Como se deu a relação ocorreram as relações entre aluno-professor-escola?

Por fim, o trabalho está organizado, em um primeiro momento, no referencial teórico que contempla temas como: a trajetória identitária do docente, em que estabeleceu-se reflexões à respeito do conceito de identidade profissional baseado nas ideias de Pimenta (1996) e Geraldi (2010) e que, em seguida, permitiu a análise do contexto histórico da evolução e formação da identidade profissional do docente.

Tal constatação é relevante pois permite a comparação das mudanças provocadas pela pandemia após as devidas análises dos resultados dessa pesquisa.

Após, referenciado nas ideias de Ibiapina (2007), Ens e Donato (2011), Baccon (2011), Tozetto (2010), Nóvoa (1992), Freire (2004), Mendes (2015), Marinho-Araújo e Almeida (2008), Rosa (2008) e Atkins (2018), apresentou-se as perspectivas referente à docência, buscando compreender qual o seu significado e importância na vida dos discentes. Ao finalizar este capítulo, constatou-se alguns pontos importantes sobre a docência durante a pandemia.

O último capítulo contém as análises dos resultados obtidos na pesquisa através do questionário realizado no google formulários com os sujeitos participantes docentes, na qual obtivemos informações sobre as experiências das aulas durante as aulas remotas, contemplando os objetivos apresentados acima.

A parte final do trabalho apresenta as considerações finais, nas quais pretende-se analisar os resultados obtidos através da pesquisa e do questionário, no intuito de contemplar os principais objetivos deste trabalho, que estendem-se desde as transformações provocadas pela pandemia na educação até a maneira como isso afeta o pessoal e profissional dos docentes, e indiretamente, dos discentes.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Com o passar dos anos as pessoas tendem a ampliar o seu repertório de experiências a partir das suas vivências na sociedade em que estão inseridas. Esse processo, que consiste em adquirir conhecimento seja no âmbito educacional, cultural ou social, inicia na infância, ao lado de suas famílias, estendendo-se em suas trajetórias escolares no ensino fundamental (séries iniciais e finais), ensino médio e, por fim, no nível superior.

Essas vivências contribuem na construção da identidade do ser humano, possibilitando a tomada de decisões importantes para a sua vida, como por exemplo, qual área seguir na trajetória profissional. Deste modo, abrem-se um leque de escolhas, dentre elas, a escolha de ser professor.

Além disso, nos constituímos nas relações com o outro, assim, torna-se necessário refletirmos sobre nossas escolhas e atitudes, seguindo princípios éticos e morais para o bom convívio com as demais pessoas.

Torna-se imprescindível, principalmente, enquanto docentes, repensar e reestruturar as práticas pedagógicas bem como as vivências e experiências adquiridas em sala de aula.

Levando em consideração a complexidade dos processos educativos, busca-se desenvolver nessa pesquisa três eixos voltados para a área da educação, sendo eles: a trajetória identitária do docente, a docência do professor de Química e as adaptações necessárias adotadas durante o período pandêmico da Covid-19.

2.1 A trajetória identitária dos docentes

Assolados pela pandemia do vírus conhecido como Sars Covid-19, a sociedade precisou ressignificar o seu modo de viver. Essas mudanças interferiram na maneira como as pessoas interagem umas com as outras, desde as relações profissionais, até o lazer.

Uma das áreas afetadas por essas mudanças é a área da educação, que passou por inúmeras transformações e adaptações repentinas, pois grande parte dos docentes não estavam habituados com os ambientes virtuais de ensino. Podemos destacar, com maior força e necessidade, a introdução de ferramentas tecnológicas à exemplo dos computadores e celulares até as plataformas digitais

como o Google Classroom que substituíram as tradicionais salas de aula presenciais.

Levando em consideração as mudanças citadas acima, torna-se importante compreender como os docentes e os discentes reagiram e adaptaram-se ao novo modo de ensinar e aprender.

Para que possamos valorizar esse processo se fez necessário o estudo sobre os modos de estruturação da identidade profissional do professor ao longo dos anos e como a mesma se modificou devido a pandemia da COVID19.

Pimenta (1996, p. 75) destaca que:

A identidade não é um dado imutável. Nem externo, que possa ser adquirido. Mas é um processo de construção do sujeito historicamente situado. A profissão de professor, como as demais, emerge em dado contexto e momentos históricos, como resposta às necessidades que estão postas pelas sociedades, adquirindo estatuto de legalidade. Assim, algumas profissões deixaram de existir e outras surgiram nos tempos atuais. Outros adquirem tal poder legal que se cristalizam a ponto de permanecerem como práticas altamente formalizadas e significado burocrático. Outros não chegam a desaparecer, mas se transformam adquirindo novas características para responderem a novas demandas da sociedade. Este é o caso da profissão do professor. Essas considerações apontam para o caráter dinâmico da profissão docente como prática social. É na leitura crítica da profissão diante das realidades sociais que se buscam os referenciais para modificá-la.

Nesse contexto, Geraldi (2010, p. 83) afirma que “a identidade profissional do professor ao longo da história se construiu, essencialmente, pela sua relação com o conhecimento”, através de um processo de aquisição que posteriormente recebeu a denominação de formação inicial.

Por volta do século XVII, período marcado pelo Mercantilismo e pela divisão social do trabalho, constitui-se, pela primeira vez, uma identidade para o professor. Na qual a figura do docente foi comparada a de um organista (GERALDI, 2010, p. 85):

- 1) ser hábil para ensinar mesmo não sendo muito dotado;
- 2) sua função é comunicar (e infundir) na juventude uma erudição já preparada, e não retirada da própria mente (isto é, não precisa ser produzida por ele próprio);
- 3) para exercer sua função, tudo se lhe dá nas mãos: o quê e o como ensinar (uma partitura já composta).

Nesse período, o professor era visto como aquele que possui um saber produzido por outro e que o transmite aos alunos. Esses (outros) que por sua vez

eram conhecidos como “doutos”, geralmente sujeitos ligados à religião católica, desenvolviam o que ensinar e como ensinar. Para além disso, nas pequenas aldeias, o professor era visto como alguém que tem o saber e por este saber é respeitado. Este mesmo saber lhe conferia o poder, que por sua vez, permitia castigar os filhos dos outros, uma vez que nesse momento histórico se realizava o método individual de ensino. Enquanto o professor atendia um aluno de cada vez, os demais, acabavam por se dispersar, o que atrapalhava o andamento das aulas. Assim, o professor estava autorizado a falar, impor disciplina e comportamentos (GERALDI, 2010, p. 85).

Essa identidade pendurou-se entre meados do século XVII e início do século XX, quando, novamente, devido a 2ª Revolução Industrial, novas divisões na esfera profissional do trabalho, construíram uma nova identidade aos docentes. Devido a isso, o professor já não é mais caracterizado por ter o domínio do saber produzido pelos “doutos”, ou seja, o professor torna-se responsável por obter o seu próprio conhecimento, organizá-lo e transmiti-lo aos seus alunos, como alguém que aplica um conjunto de técnicas de controle no espaço de aprendizagem. Também era visto como a figura de alguém que é capaz, que tinha o controle e o domínio do processo de aprendizagem da criança, do jovem ou adolescente (GERALDI, 2010).

Vale destacar que nesta época, o conhecimento era transferido através dos materiais didáticos entregues aos aprendizes, que por sua vez, eram considerados dignos do “cuidar de si”. Ou seja, deveriam mostrar autonomia para trabalhar com o material disponibilizado pelo docente. Nesse viés, se a alguém foi conferida a chance de aprender e este, por sua vez, não aprendia, era considerado incapaz, independente da realidade em que está inserido ou da sua classe social. Perante a essas demandas, tornava-se responsabilidade do professor atentar-se ao comportamento dos discentes, o controle do tempo, sua postura em sala de aula, verificar se houve fixação do conteúdo e realizar a correção dos exercícios propostos no material didático, afinal, esses conteúdos eram transmitidos como a verdade (GERALDI, 2010).

Essa imagem do modelo de professor/a estruturado acima - controlador/a do processo de aprendizagem - estendeu-se ao longo da história até as duas últimas décadas do século XX. Assim como destacou Geraldi, em seu livro intitulado *A aula como acontecimento* (2010), é a partir do século XX que surgem inúmeras crises, sejam elas no trabalho, nos processos de construção de conhecimentos e

aprendizagens, nos paradigmas científicos, nosso modo de habitar o planeta, entre outros. E, segundo o autor, é na crise, no caos, em meio a cenários de medo e preocupação, que o novo surge. Aliado a isso e aos avanços da tecnologia, a mais nova identidade do professor estará baseada no âmago da solução do conjunto das demais crises, e uma nova identidade já é uma força da construção das soluções.

É de suma importância reiterar que o avanço das tecnologias nesse período acabou tornando o mercado de trabalho mais exigente, fazendo com que diversas pessoas de diferentes condições sociais fossem perdendo sua “eficiência”.

Outro fator responsável pela mudança na identidade do professor, é a crença de que a escola e o professor seriam a “tábua da salvação”, quando, na verdade, não foi o suficiente (GERALDI, 2010, p. 91).

E quem é o professor do futuro? Geraldi (2010, p. 96) explica que:

A nova identidade a ser construída, não é a do sujeito que tem as respostas que a herança cultural já deu para certos problemas, mas a do sujeito capaz de considerar o seu vivido, de olhar para o aluno como um sujeito que também já tem um vivido, para transformar o vivido em perguntas. O ensino do futuro não estará lastreado nas respostas, mas nas perguntas. Aprender a formulá-las é essencial. Na ligação de Saramago, todo mundo está dando respostas, o que demora é o tempo das perguntas.

Na esteira dessas ideias encontra-se a função do docente. Enquanto sujeito responsável por viabilizar os processos de ensino-aprendizagem, os educadores têm um papel muito importante na vida dos alunos: o de transformar, de ensinar. Assim, organizar os aprendizados, fomentar perguntas e buscar informações em colegas discentes e professores de outras disciplinas, em fontes bibliográficas confiáveis ou na herança cultural (conjunto de conhecimentos e saberes) (Geraldi, 2010), permitirá a construção do conhecimento.

Percebe-se também que é nesse momento que a pesquisa, o estudo e a interdisciplinaridade acontecem. Deste modo, corrobora-se a ideia expressa por Geraldi (2010) em seu texto quando descreve que “o que importa é aprender a aprender para construir conhecimentos [...] ensinar é ensinar o sujeito aprendente a construir respostas, portanto só se pode partir de perguntas” (p. 100).

Uma vez que é possível estudar, analisar e identificar diferentes momentos da história que constituem algumas características da identidade profissional do professor, torna-se viável comparar para entender o quanto a pandemia interferiu nessa identidade e na maneira como o ensinar aconteceu. Mas, para tal, conforme

descrito na metodologia deste trabalho, se faz necessário uma pesquisa com professores da área para entender como todo esse processo se consolidou.

Nessa perspectiva, buscando contemplar todas as ideias e objetivos descritos na introdução do trabalho, torna-se necessário embasar o significado e a importância da docência, seja na Química, ou, na Educação como um todo.

2.2 Docência em Química

Ensinar não é uma tarefa fácil. Exige do professor conhecimento de diferentes âmbitos, não só escolares, mas, também de vida. Torna-se necessário um olhar crítico sobre as diferentes situações vivenciadas em sala de aula. E, nesse ambiente, o docente tem a possibilidade de ensinar e aprender, possibilitando ao aluno o desenvolvimento de diversas habilidades.

Nessa linha de pensamento, corrobora-se a ideia de Ibiapina (2007, p. 40), na qual:

[...] consideramos a docência como profissão do professor. Nessa perspectiva, a docência é atividade de ensino e pesquisa que necessita de conhecimentos especializados, saberes e competências específicas adquiridos tanto por meio de processo de formação acadêmica contínua e permanente, quanto prática. Essa atividade exige reflexão crítica e tem a finalidade de mediar aprendizagens e garantir a educação escolar dos estudantes.

Assim sendo, é de suma importância reiterar a trajetória de cada docente durante a formação acadêmica, processo que exige compromisso, dedicação e muito interesse. E compreender que a educação é um elo entre a teoria e a prática, na qual associadas permitem o desenvolvimento de competências que resultam na qualificação dos resultados.

Mas, afinal, o que é ser professor? Segundo Ferreira (2003, p. 4):

Ser professor significa, antes de tudo, ser um sujeito capaz de utilizar o seu conhecimento e a sua experiência para desenvolver-se em contextos pedagógicos práticos preexistentes. Isso nos leva à visão do professor como um intelectual, o que implicará em maior abertura para se discutir as ações educativas. Além disso, envolve a discussão e elaboração de novos processos de formação, inclusive de se estabelecerem novas habilidades e saberes para esse novo profissional.

Em vista disso, é importante que o docente, a partir de suas vivências, possa refletir sobre suas práticas pedagógicas, buscando a constante formação. Dessa forma, as aulas tornam-se atrativas de forma lúdica, acolhendo os discentes.

Assim, por inúmeras vezes a escola é o único espaço em que os discentes sentem-se confortáveis e seguros para compartilhar suas angústias e, auxiliá-los

nesse processo de cura e evolução também compreende prepará-los para viver em uma sociedade instável de constantes mudanças.

Segundo Marcelo (2009), a docência pode ser vista como a “profissão do conhecimento”, essa que por sua vez está baseada no compromisso de transformar as informações transmitidas pelo professor para a vida do discente. Portanto, percebe-se que a valorização do trabalho docente surge do conhecimento, do saber ensinar para aprender e do compromisso com a evolução dos alunos.

Nesse contexto é importante destacar que a relação aluno-professor é uma via de mão dupla, mas não somente pela interação social de ambos, e sim pela maneira como o aluno e o conhecimento transformam-se rapidamente. É importante entender que, por mais que sejamos docentes, a constante transformação exige do professor, o constante aperfeiçoamento da sua área, seus conhecimentos e por consequência, a reflexão da prática pedagógica.

Para além disso, a profissão docente exige, assim como enfatiza Tozetto (2010, p. 13): “uma ação docente que contemple o ato de educar em sua amplitude e complexidade”. E, nessa perspectiva, percebe-se a importância do olhar crítico, cultural, social e econômico para a realidade em que a comunidade escolar está inserida. E não menos importante, a visão humana e pedagógica para a educação, fazendo com que o discente possa sentir-se acolhido em sala de aula, tornando o ambiente escolar leve, prazeroso, como algo que o convida a retornar todos os dias. Assim como afirma Paulo Freire (2004, p. 142), “a alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo de busca”. E ensinar e aprender não pode dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria”.

Ou seja, por mais que essa relação de proximidade com o aluno possa ser, por vezes, desgastante, torna significativa a trajetória profissional docente.

Na esteira desse pensamento, Belotti e Faria (2010, p. 8) afirmam que:

Um educador que deseje ser professor, não o será apenas porque ocupa essa função em uma sala de aula. Ensinar exige um saber metodológico, através do qual os conteúdos serão tratados de forma a permitir o aprendizado destes pelos alunos; exige estar atento às questões políticas e sociais que envolvem o seu fazer, sua profissão; exige conhecer o seu objeto de estudo: a educação e como ocorre o processo de aprendizagem do seu aluno; exige conhecer os problemas que permeiam a sua prática; exige dedicação, comprometimento, conhecimento e, acima de tudo, respeito e trabalho, muito trabalho.

Nessa perspectiva, entende-se que as relações estabelecidas na escola influenciam diretamente na maneira como o docente lida com as situações diárias, e

por consequência, com os alunos. Sabe-se que nem todas as instituições dispõem de realidades amargas, que englobam problemas sociais como a fome, o preconceito e a discriminação, mas aqui, refiro-me a situações menos complexas como a sala dos professores. Impactante, reflexivo e indagador, assim como já dizia o ditado popular “não podemos tapar o sol com a peneira”, ou seja, por vezes esse ambiente pode não contemplar vivências e opiniões construtivas e ainda, o incentivo necessário para o seguimento da profissão. Ainda sim, ouvimos relatos de colegas sobre práticas educacionais que não deram certo e, em muitas circunstâncias, aparentemente, o caminho mais fácil é desistir, ou ainda, optar por uma aula com caráter tradicional. Quando na verdade, torna-se necessário compreender que o erro de hoje deve também considerar a reflexão crítico-pedagógica, para, em contrapartida, obter um resultado satisfatório.

Vale ainda destacar as ideias apresentadas por Baccon (2011), na qual descreve que a atividade docente e o resultado de sua aplicação perante os discentes, não geram somente materiais e produtos dos conhecimentos compartilhados, e, sim, de um empenho energético afetivo que resulta em marcas socioemocionais e afetivas dos alunos, modificando a visão sobre a educação e o docente, que, por muitos, ainda é antagônica.

Mas, para que todas as ideias apresentadas sejam enfáticas o suficiente a ponto de contribuir para uma educação de qualidade, é imprescindível reconhecer a importância da formação dos professores, seja a partir de conhecimentos específicos ou das experiências adquiridas pelos docentes ao longo de suas vidas.

Segundo o educador português, António Nóvoa (1992, p. 12 e 13):

A formação de professores pode desempenhar um papel importante na configuração de uma “nova” profissionalidade docente, estimulando a emergência de uma cultura profissional no seio do professorado e de uma cultura organizacional no seio das escolas.

A formação deve estimular uma perspectiva crítico-reflexiva, que forneça aos professores os meios de um pensamento autônomo e que facilite as dinâmicas de autoformação participada. Estar em formação implica um investimento pessoal, um trabalho livre e criativo sobre os percursos e os projetos próprios, com vista à construção de uma identidade, que é também uma identidade profissional.

Partindo desse pressuposto, pode-se afirmar a importância de todo professor permanecer com o olhar curioso de quando era estudante ao longo de sua trajetória profissional. Levando em consideração que não são adquiridos todos os conhecimentos na formação inicial, pois os alunos trazem para a sala de aula suas

bagagens de vida e conhecimentos prévios, é imprescindível uma formação continuada visando (re)aprender e (re)significar as diversas práticas pedagógicas aplicadas em sala de aula. Isso torna possível desenvolver novas atividades, ser criativo e, por consequência, implica em um maior tempo de planejamento. Em decorrência disso, e como resultado vigoroso do ímpeto desejo de mudança, corrobora-se reconhecer e internalizar em si a importância dessa decisão e a intensidade com que atingirá os discentes.

Ainda, de acordo com Nóvoa (1992, p. 13), é de suma importância destacar que:

A formação não se constrói por acumulação (de cursos, de conhecimentos ou de técnicas), mas sim através de um trabalho de reflexividade crítica sobre as práticas e de (re)construção permanente de uma identidade pessoal. Por isso é tão importante investir na pessoa e dar um estatuto ao saber da experiência.

Paralelamente, por mais que isso ainda não ocorra com tanta frequência, reitera-se a importância da visão humana sobre a educação, mas, especificamente neste momento, não somente ao aluno, e sim ao professor. Sua figura em sala de aula é de extrema importância, ainda mais quando transmite confiança, respeito, empatia, conhecimento técnico, ético, moral e estético. E para que isso ocorra de forma natural e qualificada, torna-se necessário investir na pessoa, ou seja, dando a ela um aporte emocional, condições dignas de trabalho e remuneração salarial adequada.

Nóvoa (1992, p. 15) estabelece que:

Práticas de formação contínua organizadas em torno dos professores individuais podem ser úteis para a aquisição de conhecimentos e de técnicas, mas favorecem o isolamento e reforçam a imagem dos professores como transmissores de um saber produzido no exterior da profissão. Práticas de formação que tomem como referência as dimensões coletivas contribuem para a emancipação profissional e para a consolidação de uma profissão que é autônoma na produção dos seus saberes e dos seus valores.

Corroborando com as ideias apresentadas com relação à docência e as suas práticas de formação, é de suma importância citar os estudos acerca do ensino de Química, para que posteriormente possa-se entender as mudanças que ocorreram devido ao período pandêmico.

Dessa forma, assim como destaca Rossi *et al.* (2008), a Química, da maneira como a conhecemos hoje, estabeleceu-se de tal forma por volta do século XIX, na

Europa. Em um primeiro momento, a área era vista como algo complementar, voltado principalmente para a medicina, farmácia e metalurgia, por exemplo.

De um modo geral, cada graduando pode optar por seguir a licenciatura ou o bacharelado. A licenciatura em Química é de cunho pedagógico com o intuito de tornar-se educador no ensino médio. Já o bacharelado, busca focar em pesquisas mais objetivas e acadêmicas, visando o mercado de trabalho crescente, como por exemplo, na indústria Química. (ALVES, 1998).

Nessa perspectiva, Atkins (2018, p. 1) define que a Química é:

[...] a ciência da matéria e das mudanças que ela sofre. O mundo da química inclui, portanto, todo o mundo material que nos rodeia – o chão que o suporta, a comida com que você se alimenta, os tecidos biológicos dos quais você é feito e o silício com que o seu computador foi fabricado. Nenhum material independe da química, seja vivo ou morto, vegetal ou mineral, seja na Terra ou em uma estrela distante.

Assim, corroborando as ideias apresentadas acima, a Química exerce um papel fundamental na vida do ser humano, possibilitando o entendimento de diversos fenômenos presentes em nosso cotidiano. Inclusive, na descoberta de vacinas para a cura de diversas doenças, como no caso da Covid-19.

Para além disso, corrobora-se a ideia de Nóvoa (1992, p. 16) na qual defende que:

A formação pode estimular o desenvolvimento profissional dos professores, no quadro de uma autonomia contextualizada da profissão docente. Importa valorizar paradigmas de formação que promovam a preparação de professores reflexivos, que assumam a responsabilidade do seu próprio desenvolvimento profissional e que participem como protagonistas na implementação das políticas educativas. [...] É preciso trabalhar no sentido da diversificação dos modelos e das práticas de formação, instituindo novas relações dos professores com o saber pedagógico e científico. A formação passa pela experimentação, pela inovação, pelo ensaio de novos modos de trabalho pedagógico. E por uma reflexão crítica sobre a sua utilização. A formação passa por processos de investigação, diretamente articulados com as práticas educativas.

E, diante das ideias apresentadas pelo autor, acredita-se que, assim como destacou Nias (1991, p. 154), “[...] o professor é a pessoa. E uma parte importante da pessoa é o professor”. Compreende-se que é necessário estabelecer vínculos entre o pessoal e o profissional, uma vez que, conforme destacado acima no texto, a educação não se dá somente pelo resultado da troca de informações e conteúdos, mas também pela relação afetiva e emocional. São pontos como esse que acrescentam de forma positiva a valorização da profissão, mostrando-nos que para além de auxiliar na capacidade de desenvolver diversas habilidades em diferentes

áreas do conhecimento, contribuímos para a formação pessoal e humana dos discentes, assumindo o compromisso com o desenvolvimento do ser humano.

E, sem dúvidas, mais do que nunca, durante o período pandêmico, tornou-se e ainda torna-se necessário esse olhar atencioso e acolhedor sobre os discentes e a maneira como ocorre o processo de aprendizagem. Percebe-se que devido às inúmeras mudanças e concepções que ocorreram na educação, principalmente em relação ao espaço e a maneira como as aulas passaram a acontecer, é imprescindível diminuir o ritmo em diversos âmbitos. Inquestionavelmente, deve-se lembrar que para além de problemas enfrentados pelos discentes em relação à educação, as famílias (que também estão inseridas no contexto escolar) tiveram que se reinventar, afinal, alguns perderam o emprego, outros familiares (pai, mãe, avô, irmão, etc) e assim sucessivamente.

Mas, vale também ressaltar, a oportunidade que, tanto professores como alunos, tiveram de desenvolver inúmeras habilidades. A necessidade que a pandemia impôs de ter domínio dos aparelhos tecnológicos, das ferramentas pedagógicas online e ministrar aulas de forma remota, possibilitou conhecimentos que, para muitos, antes não havia interesse.

Analisar a educação com um olhar humano, torna possível a aproximação com a realidade em que cada aluno está inserido. Sabe-se que muitas crianças, jovens e adolescentes, por muitas vezes, não dispõem do básico para estar em sala de aula, como lápis, caneta e caderno, quem dirá acesso a internet. E, por vezes, muito pior que isso, não tem do que se alimentar, sendo a escola a primeira possibilidade de refeição do dia. Esses e tantos outros fatores interferem diretamente na profissão docente, afinal, como atingir e permitir a transformação de um discente quando seu único pensamento pode ser a fome?

Nesse contexto, cabe ao Estado através de políticas públicas organizar e proporcionar ações que arrecadem cestas básicas e materiais escolares para que todos tenham acesso à educação. Quando finalmente estiverem usufruindo da riqueza que o conhecimento proporciona, com total atenção e dedicação, tornará possível atingirmos uma educação de qualidade.

E para que essas e tantas outras ações tornem-se significativas, salienta-se a importância da interação, troca de experiências e diálogos entre professores. Momentos de conversa permitem a socialização profissional e institui uma cultura interdisciplinar que, sem dúvidas, trará resultados positivos para os alunos. Dessa

forma, docentes estarão assumindo um papel de formador, quando compartilham suas práticas pedagógicas que apresentaram resultados positivos, e formandos, quando se tornam ouvintes das vivências de seus colegas e, por sua vez, analisam, adaptam e reproduzem em suas aulas. Esse processo engrandece a práxis pedagógica, colocando em prática muito do que se estuda no nível superior dos cursos de licenciatura nas disciplinas de didática (NÓVOA, 1992).

Sabe-se que durante a pandemia da Covid-19 ocorreram inúmeros momentos de aprendizagem para os professores, à exemplo dos cursos de formação, mas, provavelmente, com menor frequência, entre professores. Ou seja, além de sobrecarregados com o preenchimento de planilhas, planejamentos, correções, adaptação às novas plataformas, devido a isso e outros fatores externos, os docentes pouco tiveram oportunidade de compartilhar suas próprias experiências e aprendizagens. Vale salientar que não podemos generalizar tal situação, uma vez que, cada instituição, seja pública ou privada, dispõe da sua própria autonomia e organização.

Nessa linha de pensamento, Nóvoa (1992, p. 14) afirma que:

O diálogo entre os professores é fundamental para consolidar saberes emergentes da prática profissional. Mas a criação de redes coletivas de trabalho constitui, também, um fator decisivo de socialização profissional e de afirmação de valores próprios da profissão docente. O desenvolvimento de uma nova cultura profissional dos professores passa pela produção de saberes e de valores que dêem corpo a um exercício autônomo da profissão docente.

Ressalta-se, nessa perspectiva, o pensamento de Freire (1991, p. 58) ao afirmar que:

Ninguém começa a ser professor numa certa terça-feira às quatro horas da tarde. Ninguém nasce professor ou marcado para ser professor. A gente se faz educador, a gente se forma, como educador, permanentemente, na prática e na reflexão sobre a prática.

Nessa perspectiva, tal citação, tão importante, engrandece ainda mais o seu valor e significado quando vai ao encontro da educação durante o período pandêmico. A ideia apresentada por Paulo Freire destaca, acima de tudo, a importância da formação dos docentes para a construção da identidade do professor, do seu conhecimento, da sua prática e posterior aplicação nas escolas. À medida que, indiretamente, também reforça a notoriedade da figura dos professores na vida dos discentes e suas famílias. Sabe-se perfeitamente que na escola, para além de conteúdos, os alunos têm a oportunidade de apropriar-se das relações

sociais, na qual podem observar diferentes culturas, posicionamentos, formas de vida, entre outros.

Aliado a isso, corroborando as palavras de Freire, a importância da prática e a reflexão da mesma. Essa que durante a pandemia passou por inúmeras mudanças, tentativas e adaptações. Foi necessário, por exemplo, desenvolver aptidões tecnológicas, utilizar novas metodologias, desenvolver a criatividade, adaptar os planejamentos reduzindo a quantidade buscando priorizar a qualidade e, isso tudo, com o intuito de manter o vínculo dos discentes com o ambiente escolar.

Do mesmo modo, foram necessárias mudanças na rotina, uma vez que a sala de aula ocupou o espaço de casa, a mesa da cozinha e até mesmo o sofá da sala. Alguns docentes, mesmo sem nenhum apoio financeiro das instituições, optaram por reformas, transformando espaços de suas moradias em ambientes com características escolares. Outros, sem nenhuma condição, por vezes, não dispunham de um computador ou celular com bom funcionamento para a construção dos planejamentos, aulas, postagens e videoconferências. Muitos optaram investir em tecnologia adquirindo novos computadores, celulares e mesas digitalizadoras, por exemplo, com o dinheiro do próprio salário. Remuneração que não é proporcional com o aumento da carga horária de trabalho dos docentes observada durante esse período e investimentos citados acima.

A pandemia da Covid-19 afetou inúmeras áreas, espaços e formas de relações sociais. Tal fenômeno provocou crises no mundo todo, sejam elas econômicas, sanitárias e na educação, causando todas as transformações observadas diariamente no cotidiano de quem trabalha nessas áreas.

Após analisar o contexto histórico da construção identitária dos profissionais da educação, compreender qual o papel do docente em sala de aula e as transformações que a pandemia impôs na carreira docente, no próximo capítulo, verifica-se a metodologia utilizada para aplicação do questionário que permitiu reflexões sobre inúmeras inquietações já destacadas nos objetivos desta pesquisa.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Levando em consideração os aspectos quantitativos desta pesquisa, escolheu-se para o levantamento de dados o método conhecido como survey. Segundo Riccardi (2011, p. 27), entende-se como Survey:

A pesquisa survey possui por objetivo obter informações sobre características, ações e opiniões de determinado grupo de pessoas, indicando como representante de uma população alvo, por meio de um instrumento de pesquisa definido. [...] Esse método é comumente utilizado quando se tem por objetivo produzir descrições quantitativas de uma população, e obter respostas para questões do tipo “o quê?”, “por quê?”, “como?” e “quando?”, ou seja, obter informações sobre uma determinada situação, entender o quê, como, por quê e com que frequência acontece.

Nessa perspectiva, adota-se como instrumento metodológico para coleta de dados e informações o questionário online (APÊNDICE 2) desenvolvido na plataforma google formulários. Assim como destaca o autor Andrade (2018, p. 4):

A ferramenta Google Forms está se tornando cada vez mais popular e vem sendo usada para os mais variados fins, desde avaliações escolares, questionários de pesquisa, fichas de inscrição, enquetes rápidas, planejamento de atividades, etc. É uma ferramenta que apresenta boa flexibilidade de uso dentro dos princípios da aprendizagem ativa. Uma das suas possibilidades é a do uso como recurso de revisão de competências.

Para dar início ao questionário, os participantes precisam estar de acordo com o Termo de Consentimento Informado (APÊNDICE 1), havendo a possibilidade de concordar ou não com a participação na pesquisa. O termo apresenta os objetivos da pesquisa, destaca que a participação é voluntária, instruções como o tempo investido para a resolução do questionário, a garantia de sigilo das informações, tempo de arquivamento da pesquisa, entre outros.

O questionário apresentou questões objetivas e descritivas na qual foram abordados pontos como dados de identificação dos participantes, mudanças ocasionadas pela pandemia em relação a vida pessoal e profissional dos docentes, instrumentos metodológicos utilizados, cursos e formações realizadas, além das condições de acesso dos discentes as aulas durante o período pandêmico, entre outros.

É importante salientar que o questionário foi encaminhado através do e-mail, mas, previamente realizou-se um contato com os possíveis participantes verificando a sua disponibilidade e interesse em participar.

O prazo para a realização do questionário estendeu-se durante 7 dias, tendo início no dia 19 de julho de 2021 e término no dia 25 de julho de 2021. A estimativa de tempo para a resolução das questões era de 15 minutos.

Dessa forma, foram elencadas as questões:

1. Idade.
2. Qual a sua formação acadêmica?
3. Você trabalha na rede pública ou privada de ensino?
4. Tempo de experiência na docência.
5. Quantas pessoas moram com você? Você possui filhos(as)?
6. Durante este período de pandemia, foi necessária uma mudança na organização dos que moram em sua casa? Você abdicou de momentos em família devido a demanda de trabalho? Comente.
7. O que motivou você a optar pela docência? Sofreu influência de algum professor no Ensino Fundamental ou Ensino Médio?
8. Durante a pandemia, você repensou a sua escolha pela docência em algum momento? Justifique a resposta.
9. Você precisou adquirir algum aparelho tecnológico para trabalhar em home-office? Recebeu alguma ajuda ou precisou investir com o seu próprio dinheiro? Comente.
10. Levando em consideração o período pandêmico, qual mudança mais te desafiou? Qual mudança te exigiu maior dedicação? Comente e cite mudanças/estratégias positivas e negativas.
11. Você considera que o home-office aumentou ou diminuiu sua jornada de trabalho? Quantificar a resposta e justificar.
12. Qual/quais plataforma(s) virtuais você utilizou para postar/realizar as aulas síncronas e assíncronas? Se você utilizou mais de uma, qual plataforma os discentes se adaptaram com maior facilidade? Justifique sua resposta.
13. Quais instrumentos metodológicos você utiliza/utilizou no ensino remoto (google sala de aula, meet, etc...)? E no ensino híbrido (caso você esteve vivenciando esse modelo)? Escolha um instrumento que você recomendaria para um(a) colega professor(a) de Química e justifique a sua escolha.

14. Os discentes das tuas turmas possuem acesso à internet em suas casas?
15. Com relação aos alunos que não possuem acesso a internet, foi necessário adotar alguma estratégia para atingir um número maior de alunos? Se sim, você acredita que essa estratégia foi efetiva? Justifique.
16. Foram realizadas estratégias para manter o vínculo e contato com os alunos? Qual(is)? Cite e comente sobre os aspectos positivos e negativos das estratégias utilizadas.
17. No início da pandemia, a equipe de gestão da escola proporcionou cursos e formações para os docentes que visavam o domínio de plataformas e metodologias digitais? Se sim, cite quais cursos e escolha um que você recomendaria para um(a) colega professor(a) da área de Química. Se não, acredita que esta formação fez falta?
18. Você acredita que a pandemia causará uma mudança na identidade profissional do professor? Percebes alguma mudança na sua identidade enquanto professor? Justifique a resposta.
19. Você gostaria de comentar algo sobre a pesquisa que não tenha sido perguntado neste formulário? Fique à vontade para colaborar!

Tendo em vista os objetivos definidos pela pesquisa, apresento o design desta investigação que caracteriza-se pelas seguintes estratégias:

- Definição e contato com os docentes que foram convidados a participar da pesquisa.
- Elaboração do questionário online e do Termo de Consentimento Informado.
- Envio do questionário por email aos participantes.
- Tabulação, seleção dos excertos representativos e análise das respostas dos participantes.

Nesse contexto, reitera-se que a escolha pelo público-alvo se deu através de indicação e proximidade de docentes da área de Química. Os participantes ministram aulas nas cidades de Caxias do Sul, Feliz, Harmonia, Nova Petrópolis e Vale Real e Porto Alegre.

4. ANÁLISE DE DADOS

Nesta pesquisa, importa compreender como a pandemia afetou diretamente a vida profissional e pessoal dos docentes e também dos alunos. Neste capítulo, serão apresentados os 06 (seis) participantes da pesquisa, docentes, em geral, formados em Licenciatura em Química e Pós-graduação na área da educação. Os dados apresentados derivam do questionário respondido de forma online.

O instrumento utilizado para a coleta de dados foi a plataforma google formulários, na qual, inicialmente, apresentou-se o Termo de Consentimento Informado (APÊNDICE 1) ao participante solicitando, voluntariamente, a sua participação no questionário.

4.1 Os sujeitos da pesquisa

O critério utilizado para a escolha dos participantes foi a pluralidade de docentes pertencentes a diferentes instituições do Estado do Rio Grande do Sul, obtendo, dessa forma, maiores informações a respeito de como a educação se desenvolveu. Optou-se, portanto, em 3 docentes da rede pública e outros 3 participantes da rede privada de ensino, na qual se utilizará como referência as seguintes designações:

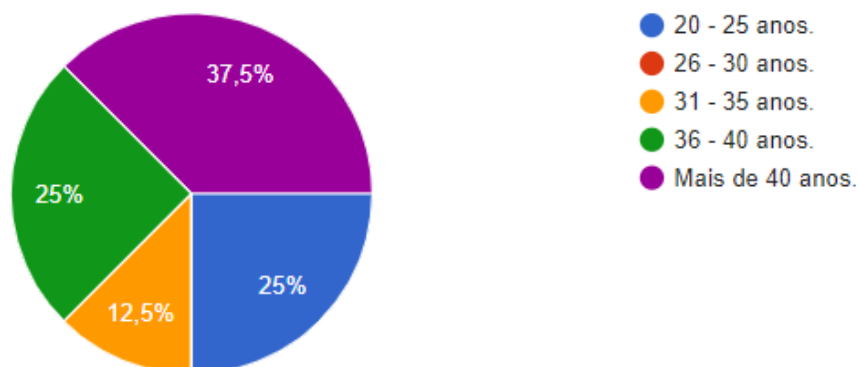
- participante 1 (docente na rede pública e privada);
- participante 2 (docente na rede privada);
- participante 3 (docente na rede privada);
- participante 4 (docente na rede pública);
- participante 5 (docente na rede privada);
- participante 6 (docente na rede pública).

Em um primeiro momento, após todos os participantes concordarem em participar do questionário contribuindo com informações relevantes sobre a sua vida e práticas profissionais durante a pandemia, questionou-se a idade e obteve-se os resultados expressos no gráfico abaixo. Conforme podemos observar: 25% dos questionados têm de 20 a 25 anos e 12,5 % correspondem a docentes com idades entre 31 e 35 anos; os outros 25% afirmaram ter idade entre 36 e 40 anos. Enquanto

que 37,5% apresentavam idade maior que 40 anos. Nenhum dos questionados têm idade entre 26 e 30 anos.

Gráfico 1 - Dados de identificação: idade - participantes do questionário.

Qual a sua idade?



Fonte: dados da pesquisa elaborada pelo(a) autor(a) através do Google Formulários (2021).

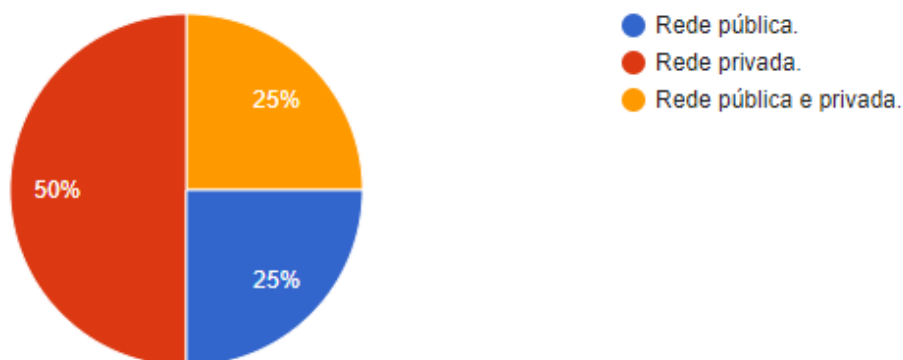
Em seguida, na questão número 2, questionou-se a formação acadêmica dos participantes, corroborando a ideia do trabalho, afirmando a pesquisa com professores de Química. Dessa forma, podemos observar as seguintes respostas:

- Participante 1 (rede pública e privada): “*Licenciatura em História e Licencianda em Química.*”
- Participante 2 (rede privada): “*Cursando Licenciatura em Química.*”
- Participante 3 (rede privada): “*Licenciatura plena em Química.*”
- Participante 4 (rede pública): “*Pós graduação em Química.*”
- Participante 5 (rede privada): “*Licenciada em Química, mestre em sensoriamento remoto.*”
- Participante 6 (rede pública): “*Licenciatura em Química.*”

Na questão número 3, perguntou-se sobre qual rede, pública ou privada, atuam os professores participantes do questionário. No gráfico 2, pode-se observar que 25% dos participantes trabalham na rede pública, enquanto que os outros 25% trabalham na rede privada. Já, 50% dos participantes trabalham tanto na rede pública, como também na rede privada. Tal situação permite obter maior riqueza de informações sobre diferentes instituições e suas realidades.

Gráfico 2 - Dados de identificação: formação - participantes do questionário.

Você trabalha na rede pública ou privada de ensino?

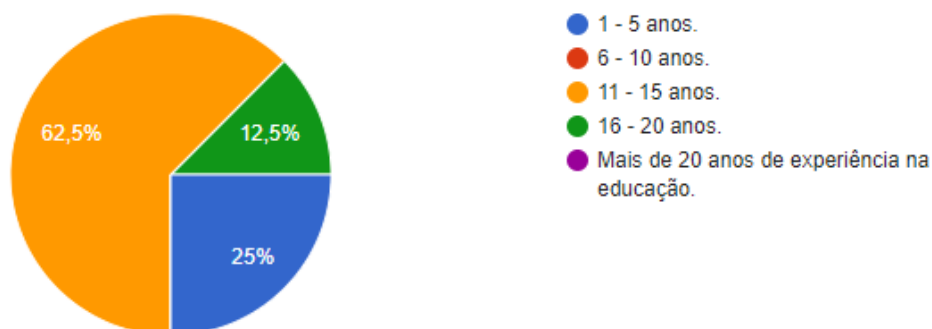


Fonte: dados da pesquisa elaborada pelo(a) autor(a) através do Google Formulários (2021).

Com o intuito de compreender e refletir sobre como a pandemia interferiu na adaptação dos docentes e na preparação destes para as aulas remotas, a questão número 4 buscava identificar o tempo de experiência dos sujeitos participantes. O gráfico 3 demonstra que 25% dos participantes possuem de 1 a 5 anos de experiência em sala de aula e 62,5%, possuem de 11 a 15 anos de experiência. Por fim, 12,5% dos participantes possuem de 16 a 20 anos de experiência em sala de aula. Nenhum dos sujeitos possuem experiência de 6 a 10 anos e mais de 20 anos de experiência em sala de aula. Ou seja, metade dos sujeitos possui mais de 10 anos de docência.

Gráfico 3 - Dados de identificação: tempo de experiência em sala de aula - participantes do questionário.

Tempo de experiência na docência.



Fonte: dados da pesquisa elaborada pelo(a) autor(a) através do Google Formulários (2021).

Nessa perspectiva, o tempo de experiência em sala de aula pode ser analisado em diferentes âmbitos. Em um primeiro momento, entende-se, assim como Borges (1998), que os anos de docência contribuem para a construção de inúmeros saberes no ambiente escolar, desde a maneira como trabalhar diferentes conteúdos e sua posterior aplicação, análise de livros didáticos e como agir em diversas situações que ocorrem em sala de aula.

Em um segundo momento, enquanto professor, acredito ser importante observar o tempo de experiência como algo que não define a qualidade de uma aula. A figura do docente, ao longo dos últimos anos, tem sido observada pela sociedade com muitas críticas sobre o trabalho desenvolvido. Mas, o que grande parte da sociedade não sabe, são os desafios que têm sido superados para, em condições mínimas de estrutura, falta de apoio financeiro, remuneração incompatível com a carga horária de trabalho e tantos outros problemas, o desenvolvimento de aulas que priorizem a aprendizagem significativa dos discentes. Problemas como esses podem desmotivar professores que estão há dois anos na profissão, como também quem já está há 20 anos e espera ansiosamente pela aposentadoria.

Corroborando as ideias de Rezende *et al.* (2020, p. 2) afirmam que:

Diante do atual contexto de sucateamento da educação no Brasil, a busca pela valorização docente e de seus saberes torna-se um grande desafio. A baixa remuneração e a exigência de um perfil profissional capaz de mobilizar vários saberes mediante o avanço acelerado da ciência e tecnologia, dos meios de informação e das relações estabelecidas no ambiente escolar, traz como uma das consequências a evasão ou desânimo dos docentes. No entanto, o fortalecimento e a qualificação da educação e dos educadores podem impulsionar uma mudança nessa sociedade, que é possível a partir das políticas públicas relacionadas à formação de professores.

Em efeito, entende-se que a educação deve ser o foco de todos os governos federais, estaduais e municipais, independente de partidos políticos. Para além de garantir qualidade no ensino, aprendizagens significativas aos alunos e condições dignas de trabalho aos professores, investir na educação gera empregos, desenvolve a economia e torna a sociedade muito mais humana, empática e solidária.

Dando seguimento ao questionário, a questão número 5 coletou informações dos participantes sobre quantas pessoas residem nas suas casas e se os mesmos têm filhos(as). Tal informação tem sua importância na perspectiva de desenvolver um dos objetivos dessa pesquisa, quando pretende-se identificar como as mudanças

ocasionadas pela pandemia interferiram na vida pessoal dos docentes. Observe as respostas:

- Participante 1 (rede pública e privada): *“Meu marido e minha filha.”*
- Participante 2 (rede privada): *“1. Não tenho filhos.”*
- Participante 3 (rede privada): *“Nenhuma. Não.”*
- Participante 4 (rede pública): *“3. Sim”*
- Participante 5 (rede privada): *“Marido e 1 filha de 7 anos.”*
- Participante 6 (rede pública): *“1 pessoa, não possuo filhos.”*

De acordo com os resultados obtidos, observa-se que três participantes não possuem filhos(as), enquanto que os demais têm pelo menos um filho(a). Levando em consideração todas as alterações impostas pela pandemia na rotina das pessoas, corrobora-se a ideia de que conciliar o trabalho docente com a maternidade ou paternidade não tem sido um desafio fácil.

Sabe-se que quando adolescentes, os filhos(as) já dispõem de uma liberdade e autonomia a ponto de auxiliar seus pais nas atividades domiciliares. Do contrário, ainda são muito dependentes e necessitam de atenção. E, por vezes, esse momento destinado ao desenvolvimento, aconchego e relação com os filhos(as), foi, e ainda é, comprometido pelo excesso de trabalho sucumbido aos planejamentos, organização das aulas, preenchimento de planilhas, criação de materiais ilustrativos e lúdicos, registros, avaliações, correções e retorno das atividades.

E, de acordo com Silva (2020, p. 9):

Preparar uma aula para os meios digitais nos cobra um tempo desumano e insuportavelmente doloroso, horas e horas além do previsto em nossos contratos [...]. Quando consegue cair na cama, já madrugada, professoras e professores mergulham na tensão da insônia, já pensando que tudo isso irá se repetir no dia seguinte.

Dessa forma, o tempo dedicado à preparação das aulas remotas consumiu muito tempo dos docentes, o que, por vezes, impediu a manutenção da qualidade de vida.

Além disso, a questão número 6, buscava descobrir se durante a pandemia tornou-se necessário realizar uma mudança na organização dos que moram juntamente com os professores e, se foi necessário, abdicar de momentos em família devido às demandas de trabalho. De forma unânime, todos os participantes, tanto da rede pública como privada, apontaram mudanças nas suas rotinas e de quem reside ou convive com eles. Para além disso, todos destacaram o tempo extra

dedicado aos planejamentos e preparação de materiais para as aulas remotas, abdicando de momentos em família. Observe:

- Participante 1 (rede pública e privada): *“Com certeza. Muitas horas de trabalho, de segunda a segunda, com poucas horas de descanso. Horas no computador, planejando e procurando atividades significativas para os alunos. Além de cursos para poder utilizar as ferramentas digitais e a burocracia das escolas.”*
- Participante 2 (rede privada): *“Sim. Eu passo o dia inteiro estudando (como ainda não terminei a graduação) e planejando minhas aulas, desenvolvendo exercícios, resolvendo, adaptando atividades para alunos com NEE's. Não me sobra tempo para fazer tarefas de descanso. O professor hoje em dia, planeja muito, dá as horas aulas e leva muito trabalho para casa, como correção de provas, trabalhos, relatórios. Fora o serviço de casa. Eu mal e mal, consigo dar um bom dia e boa noite para o meu pai (que mora comigo). Estou sempre estudando e trabalhando. Só paro para dormir e fazer meu chimarrão (meu companheiro do estudo).”*
- Participante 3 (rede privada): *“Tempo reduzido com a família, devido a preparação das aulas, correções e preenchimento de planilhas.”*
- Participante 4 (rede pública): *“Sim. Várias mudanças, organização e atenção às filhas.”*
- Participante 5 (rede privada): *“Muitas mudanças foram feitas, desde o horário de trabalho devido às aulas da minha filha em cada até horário de acordar e dormir. Acordar mais cedo para dar conta das coisas que não podia fazer enquanto estava com a minha filha. Abdiquei um pouco pois eu acordando mais cedo e dormindo mais tarde ficava com minha filha durante algumas aulas. Meu marido não parou de trabalhar, ele é químico e como no seu laboratório presta serviço para hemodiálise, sendo serviço essencial, não parou.”*
- Participante 6 (rede pública): *“Foi necessário uma organização de um espaço maior para a preparação das aulas e dos materiais.”*

Na questão número 7, questionou-se aos sujeitos participantes o que os motivou a optarem pela docência e se algum dos professores da sua trajetória

escolar (ensino fundamental ou médio), os influenciaram a seguir na carreira docente. Após realizar a leitura de cada uma das contribuições, observou-se que os participantes 1, 2, 4, 5 e 6 sofreram influência de professores e que ambos sempre demonstraram interesse pelo ato de ensinar. Somente o participante 3, afirmou não ter sido influenciado pelos professores da época e que sua escolha é proveniente do próprio interesse em ensinar. Veja as manifestações:

- Participante 1 (rede pública e privada): *“Sempre gostei de ensinar, brincava de dar aulas para minhas bonecas quando criança, e claro, tive ótimos exemplos de professores, que sempre me inspiraram e ainda inspiram.”*
- Participante 2 (rede privada): *“O que me motivou optar pela docência foram os professores maravilhosos que tive. Uma professora de Química no meu ensino médio me inspirou, pois desde a minha primeira aula, eu sabia que era Química que eu gostaria de fazer. Fui para o curso técnico. E quando entrei na minha graduação, os professores que mais incentivaram os alunos a seguirem essa área da docência, foram os professores de pedagogia. O que mais me motivou, foi visualizar a Química com uma beleza que ninguém via, e tentar passar essa “mágica” para os alunos.”*
- Participante 3 (rede privada): *“Gostar de ensinar. Não tive influência.”*
- Participante 4 (rede pública): *“Influência do professor de Química.”*
- Participante 5 (rede privada): *“Eu sempre gostei de física, Química e matemática. Após terminar o EM fiz o curso técnico em Química. Terminei o técnico trabalhando na indústria Química de celulose e papel. Quando fui para a universidade cursei licenciatura em Química porque era um curso noturno. A influência dos professores na minha carreira foi de não ser e ensinar da maneira deles! No E.M. tive professores regulares, que eram muito conteudistas e não faziam questão de fazer diferença na vida dos alunos. Por isso sou muito diferente desses professores.”*
- Participante 6 (rede pública): *“Durante toda a minha formação acadêmica sempre tive uma admiração muito grande pelos meus professores, acredito que isso tenha me motivado.”*

Nesse âmbito, é oportuno enfatizar a influência dos docentes na vida dos discentes. Vários teóricos destacam essa relação na história da educação,

ênfatizando peculiaridades muito significativas. De acordo com Araujo (2012, p. 2), na qual afirma que:

Percebe-se a partir da trajetória do trabalho do professor, que este envolve desde a afirmação da vocação profissional até a reflexão sobre as práticas pedagógicas, uma vez que o profissional formado, teoricamente atualizado, coloca-se numa posição que o permite formar alunos críticos e reflexivos acerca de suas realidades sociais.

Tardif (2014) analisa a relação dos tempos de sala de aula enquanto discente e a influência sobre a prática pedagógica após a graduação, na qual destaca que:

[...] ensinar supõe aprender a ensinar, ou seja, aprender a dominar progressivamente os saberes necessários à realização do trabalho docente. Os inúmeros trabalhos dedicados à aprendizagem do ofício de professor colocam em evidência a importância das experiências familiares e escolares anteriores à formação inicial na aquisição do saber-ensinar. Antes mesmo de ensinarem, os futuros professores vivem nas salas de aula e nas escolas – e, portanto, em seu futuro local de trabalho – durante aproximadamente 16 anos (ou seja, em torno de 15.000 horas). Ora, tal imersão é necessariamente formadora, pois leva os futuros professores a adquirirem crenças, representações e certezas sobre a prática do ofício de professor, bem como sobre o que é ser aluno. Em suma, antes mesmo de começarem a ensinar oficialmente, os professores já sabem, de muitas maneiras, o que é o ensino por causa de toda a sua história escolar anterior. Além disso, muitas pesquisas mostram que esse saber herdado da experiência escolar anterior é muito forte, que ele persiste através do tempo e que a formação universitária não consegue transformá-lo nem muito menos abalá-lo (TARDIF, 2014, p. 20).

Com isso, corrobora-se a ideia destacada acima, reforçando a importância de permitir com que a relação de aluno-professor em sala de aula seja construída de forma conjunta e colaborativa, levando em consideração a realidade de cada indivíduo e seus conhecimentos prévios.

Entende-se que esse processo é necessário, pois, dessa forma, também estará se permitindo a socialização que impacta diretamente nas escolhas futuras de cada discente. Ainda, nesse contexto, o professor deve atuar como mediador, aconselhando e fazendo com que reflitam sobre suas próprias decisões.

Nesse sentido, Farias (2014, p. 19) afirma que:

Uma vez que a educação visa à formação do homem, se faz necessário ter objetivos claros e coerentes, além disso, lidar com a educação também significa lidar com os valores sociais numa relação dialética, pois o tipo de homem a ser formado atenderá as concepções e valores de quem estiver envolvido no processo educativo conseqüentemente da sociedade que a legitima.

Por fim, a partir das ideias apresentadas por Tacca (2005), Tardif (2014) e Farias (2014), afirma-se que os sujeitos participantes podem ter sido instigados e motivados à seguir a área da docência através dos professores nos seus primeiros anos de escola, como também corroborar a ideia de que mesmo não tendo sido

influenciados pelo docentes, o ambiente escolar e as práticas pedagógicas vivenciadas no ensino fundamental e médio tenham se interiorizado e, portanto, ainda se fazem presentes na vida dos atuais professores.

4.2 Os desafios enfrentados pela pandemia do COVID 19

Levando em consideração todos os desafios impostos pela pandemia, na questão número 8, questionou-se aos participantes se em algum momento repensaram a sua escolha pela docência. Os sujeitos participantes: 2, 3 e 6 afirmaram que devido a grande quantidade de trabalho, pouco retorno dos alunos e até mesmo devido algumas questões de saúde repensaram a sua escolha. Já os demais, 1, 4 e 5, afirmam que apesar de todas as dificuldades, não repensaram sua escolha. Abaixo pode-se observar o posicionamento de cada um dos participantes:

- Participante 1 (rede pública e privada): *“Não, foi difícil, mas aprendi bastante neste período.”*
- Participante 2 (rede privada): *“Sim. É triste, mas é a realidade. O professor trabalha cada vez mais, ganha cada vez menos. Não é reconhecido. Com a pandemia, o professor se esforça muito para incluir tanto os alunos do remoto, quanto os presenciais. Porém é triste quando os alunos não abrem a câmera, não participam, não falam quando pedem. Eu que trabalhava antes em uma indústria cheguei a pensar: “Eu fazia minhas horas de trabalho e estava pronta. Agora não paro de trabalhar nunca. Cada dia tem mensagem de aluno, até no final de semana. Vou para casa, tenho provas e trabalhos para corrigir. Chega a ser muito cansativo.”*
- Participante 3 (rede privada): *“Sim. Sobrecarga de trabalho, esgotamento mental e emocional.”*
- Participante 4 (rede pública): *“Não.”*
- Participante 5 (rede privada): *“Repensei sobre minha vida na pandemia, sobre o que realmente importa. Minha escolha pela docência nunca foi questionada, mas o meu tempo em relação a ela sim. Trabalhava em 2 escolas privadas. E depois do ano 1 de pandemia, em 2021 optei por deixar 1 delas para viver mais perto da minha filha e família. Antes de surtar com todo o ano 2 da pandemia, resolvi desacelerar e fiquei apenas com 32 horas de trabalho. Eu tinha 42 horas.”*

- Participante 6 (rede pública): *“Em alguns momentos sim, se tornou cada vez mais difícil e cansativo este momento de pandemia.”*

Diante dessas leituras, nota-se que devido às inúmeras mudanças impostas pelo momento atual, torna-se propício o surgimento de doenças relacionadas ao estado emocional dos docentes. Tal situação provoca o desgaste da profissão, levando o docente ao mal-estar e pouco tempo para desempenhar outras atividades que aumentam a sua qualidade de vida.

Segundo Rocha e Fernandes (2008, p. 27):

as características mais estressantes do trabalho docente são: trabalho repetitivo, intensa concentração em uma mesma tarefa por um longo período, volume excessivo de trabalho, ritmo acelerado, interrupção das tarefas antes de serem concluídas, tempo insuficiente para realização das tarefas, falta de interesse dos colegas de trabalho, exposição a hostilidades, conflitos com colegas de trabalho e inexistência de processo democrático.

De acordo com Carlotto (2002), toda mudança no contexto social e escolar exige do professor muita dedicação e, por consequência, gera estresse. Além disso, alterações nos conteúdos e atualização contínua, implicam em novas funções e formações.

Dessa forma, levando em consideração que o docente convive diariamente com familiares, tal desgaste não reflete somente na sua vida. Impacta, indiretamente, nas atividades escolares, nos colegas de trabalho e, principalmente, nos discentes.

Libâneo (2004, p. 77) afirma que:

Se o professor perde o significado do trabalho tanto para si próprio como para a sociedade, ele perde a identidade com a sua profissão. O mal-estar, a frustração, a baixa autoestima são algumas consequências que podem resultar dessa perda de identidade profissional.

Corroborando essas ideias, quando o professor percebe que já não é mais valorizado, seja pelo ambiente que trabalha, pela sociedade ou até mesmo financeiramente, isso interfere diretamente na produção e qualidade das atividades que desenvolve, além de dificultar a busca por formações continuadas que ampliam seu conhecimento, perdendo a vontade de exercer sua própria profissão.

Em seguida, na questão número 9, buscou-se verificar se foram necessários investimentos em aparelhos tecnológicos por parte dos docentes e/ou se receberam algum apoio financeiro das instituições para tal.

E, assim como antes da pandemia, segundo alguns relatos dos docentes, foram necessários investimentos envolvendo a compra de notebooks, celulares, aumento na velocidade da internet, compra de móveis e materiais para as aulas sem nenhum auxílio das instituições.

- Participante 1 (rede pública e privada): *“Tive que trocar de celular; meu notebook estragou e tive que adquirir um computador de mesa, além de câmera e caixinhas de som, para além disso, tivemos que aumentar a velocidade da internet, para dar conta do trabalho. Tudo sem ajuda de custo.”*
- Participante 2 (rede privada): *“Eu tive que comprar um notebook novo com SSD. Pois o meu antigo, travava muito para dar aula, para apresentar slides e deixar o meet ligado, a câmera travou e tive que comprar uma câmera webcam. Ninguém me ajudou. Gastei com o meu dinheiro.”*
- Participante 3 (rede privada): *“Sim. Celular e móveis. Nenhuma ajuda.”*
- Participante 4 (rede pública): *“Tecnológico não.”*
- Participante 5 (rede privada): *“Precisei comprar um notebook mais rápido com processador melhor para gravar e editar vídeos. Trocamos a internet para fibra óptica para não cairmos durante as nossas aulas. Não tive nenhuma ajuda financeira. As escolas somente perguntaram sobre a necessidade de computador para empréstimo.”*
- Participante 6 (rede pública): *“Não adquiri nenhum aparelho, mas precisei aumentar meu plano de internet.”*

O contexto pandêmico gerou inúmeros problemas em diversas áreas, sejam elas econômicas, sanitárias, sociais e também educacionais. Para além de todas as desigualdades constatadas em relação aos alunos, diante dos problemas já existentes antes da pandemia, os professores e professoras também foram afetados diretamente pelo aumento da carga horária de trabalho, remuneração incompatível, falta de preparação para o domínio das ferramentas digitais e, ainda, o investimento em aparelhos tecnológicos e internet de qualidade sem qualquer ajuda das instituições, conforme destacam os participantes dessa pesquisa.

Em pesquisa realizada pelo programa (TODOS PELA EDUCAÇÃO, s/d), confirma-se a desvalorização da classe docente aliada a falta de investimentos em

formação quando 29% dos professores necessitam de outra atividade econômica para a sua manutenção.

Na esteira dessas ideias, é válido refletir sobre o uso dos celulares durante as aulas. Por muitos anos, esse aparelho tecnológico era visto como algo negativo, que influenciava na atenção e rendimento dos discentes. Com a chegada da pandemia, o uso dessa tecnologia tornou-se imprescindível, sendo necessário uma mudança na perspectiva quanto a sua importância.

Assim sendo, torna-se possível analisar uma alteração na cultura escolar, definida por Julia (2001, p. 9) como sendo:

[...] um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos.

Logo, sob esse ângulo, percebe-se que fatores enraizados antes da pandemia podem também ter influenciado no andamento das aulas durante a pandemia. E aqui refiro-me ao simples fato dos discentes não terem afinidade com a câmera para uma maior interação e, conseqüentemente, maior participação nas aulas. São habilidades nunca antes desenvolvidas com tanto enfoque e que neste momento precisavam de uma atenção especial.

Tangencialmente, encontra-se a situação do docente, que assim como os alunos, necessitou adequar-se a diversos aplicativos e funções disponíveis nas plataformas digitais.

Já na questão 10, questionou-se aos sujeitos participantes quais foram as mudanças mais intensas e significativas que surgiram a partir da pandemia e, se possível, que sinalizasse pontos positivos e negativos atrelados a essas transformações.

De um modo geral, os docentes consideram que a mudança do ensino presencial para o remoto foi/é um dos maiores desafios/mudanças impostos na sua carreira profissional e que atrelado a isso, outros maiores ainda surgiram. Os participantes destacaram que atingir todos os alunos com aulas atrativas, adaptar-se às novas ferramentas tecnológicas, lidar com os afazeres de casa e a burocracia desse período são fatores que desgastam sua rotina, afetando, por exemplo, a saúde mental de quem trabalha com a educação.

- Participante 1 (rede pública e privada): *“Penso que foi a participação dos alunos. Em como engajar neste momento, onde muitos não demonstraram nenhuma motivação pelos estudos. Tornar as aulas mais atrativas com jogos, por exemplo, que demanda tempo de planejamento e participação.”*
- Participante 2 (rede privada): *“Dar aula ao aluno que está no remoto, para o aluno que está no presencial. Conseguir incluir todos os alunos, principalmente os do remoto. Considero um aspecto negativo, os alunos que não abrem a câmera nunca, não respondem quando são chamados. Alguns abusam dessa situação para ficarem em casa, sem acompanhar os conteúdos. Outro desafio é quando as aulas estavam no remoto, fazer cálculos químicos atrapalhava muito. Até comprei um quadro para poder explicar melhor (aspecto positivo para os alunos). Porém agora que é misto, os alunos do remoto não conseguem visualizar bem o quadro. Já no presencial é muito mais fácil. Outro desafio: projetar slides e ao mesmo tempo apresentar tela para quem está no remoto.”*
- Participante 3 (rede privada): *“A adaptação em tempo mínimo para o digital. Maior dedicação para dar conta da parte burocrática.”*
- Participante 4 (rede pública): *“Adaptar os objetos de conhecimento à nova realidade.”*
- Participante 5 (rede privada): *“A mudança mais desafiadora foi conciliar trabalho e rotinas de casa, sem sair e ficando 24 horas sendo mãe professora dona de casa. A mudança que exige maior dedicação foi aprender a editar vídeos, virar “youtuber” , aprender a lidar com novos aplicativos de forma solitária. Pontos positivos - aprendi muito e me virei nos 30! Pontos negativos- solidão e ausência de partilhar.”*
- Participante 6 (rede pública): *“Criar uma aula em uma plataforma que já estávamos acostumados a utilizar, que é a internet, mas de uma maneira que mesmo com a distância fosse possível estar presente na vida de cada aluno e ainda que esta aula fosse de fácil compreensão, a fim de que os alunos aprendessem de fato.”*

Na esteira dessas ideias, a Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (CNTE, 2020), manifestou sua preocupação quanto à falta de conhecimento, experiência e formação em relação ao ensino remoto, o engajamento

dos alunos e famílias com a escola, a garantia da qualidade do ensino para a educação infantil e fundamental e os processos de avaliação à distância.

Enquanto isso, apesar de algumas limitações, Pereira e Coutinho (2020) e Santos (2020) destacam como pontos positivos o uso das Tecnologias de Informação e Comunicação nas práticas pedagógicas. À exemplo, evidencia-se a valorização e estímulo a criatividade, possibilidade de assistir às aulas em horários compatíveis com a organização e rotina dos discentes, redução de custos, entre outros.

Na perspectiva de que as mudanças citadas na questão anterior exigiram maior tempo de dedicação por parte do professorado, na questão 11, perguntou-se aos participantes se o home-office aumentou ou diminuiu sua jornada de trabalho, quantificando, se possível, essa alteração. Todos os sujeitos manifestaram um aumento na carga horária de trabalho, forçando os docentes a permanecerem mais tempo em frente ao computador, longe de suas famílias e, por vezes, sem aumento na remuneração. Dessa forma, pode-se observar as seguintes manifestações:

- Participante 1 (rede pública e privada): *“Com certeza aumentou. Além dos planejamentos diários, há muitas planilhas para preencher, cursos de formação, reuniões, manter a plataforma atualizada, enfim, muito mais trabalho e cobranças.”*
- Participante 2 (rede privada): *“Aumentou. Pois o professor trabalha na escola, chega em casa e leva provas para corrigir, trabalhos para avaliar, atividades para planejar, planejamento semanal. O professor sempre está trabalhando. O dia todo.”*
- Participante 3 (rede privada): *“Aumentou. O quádruplo do trabalho. Muito tempo gasto na preparação de aulas e no preenchimento das inúmeras planilhas solicitadas.”*
- Participante 4 (rede pública): *“Aumentou. 50 horas semanais.”*
- Participante 5 (rede privada): *“Aumentou muito a jornada de trabalho. Cerca de 3 vezes mais trabalho.”*
- Participante 6 (rede pública): *“Aumentou, pois a rotina acaba se perdendo quando estamos em casa.”*

Conforme destacado pelos sujeitos participantes e também por vivências enquanto docente na pandemia, é nítido o aumento significativo na carga horária de trabalho, o que levou diversos professores a ter dúvidas sobre a sua escolha profissional.

Nesse contexto, durante o ano de 2020 e 2021, observou-se através de normas e orientações provindas da Secretaria de Educação do Estado do Rio Grande do Sul, representados pelas Coordenadorias Regionais de Educação e Instituições privadas, a necessidade de burocratizar o trabalho docente, colocando como prioridade o preenchimento de planilhas, por exemplo, à frente dos planejamentos escolares e da qualidade de ensino.

Tal demanda impacta diretamente na aprendizagem dos discentes, tornando algumas atividades propostas pelos professores pouco atrativas, devido a falta de tempo para planejamento, que por sua vez também dependeu do domínio das TIC's (Tecnologias da Informação e Computação), já que nem todos profissionais da educação têm aptidão no uso dessas tecnologias.

4.3 Novos caminhos de ensinar e aprender

A questão 12 do questionário, objetivava questionar sobre quais foram as plataformas virtuais utilizadas para postar/realizar as aulas síncronas e assíncronas e qual das plataformas os discentes tiveram maior facilidade de adaptação. Os participantes relataram que as plataformas utilizadas com maior frequência foram o Google Meet, o Zoom, Google Sala de Aula, Moodle, Microsoft Teams e AVA.

- Participante 1 (rede pública e privada): *“Zoom e Google sala de aula e Google Meet.”*
- Participante 2 (rede privada): *“Google Meet. Facilitou pois grava todas as aulas.”*
- Participante 3 (rede privada): *“Moodle e Google Classroom.”*
- Participante 4 (rede pública): *“Google. Uso da mantenedora.”*
- Participante 5 (rede privada): *“Escola 1- Google classroom e meet. Escola 2 - Microsoft Teams e AVA. Percebi dificuldade dos estudantes nas ferramentas de edição e não nas plataformas.”*
- Participante 6 (rede pública): *“Google Classroom.”*

As Tecnologias da Informação e Computação (TIC's), antes mesmo da pandemia, já estavam sendo introduzidas na educação com o intuito de contribuir e facilitar a compreensão dos conteúdos trabalhados em sala de aula. Sancho e Hernández (2006, p. 20-21) asseveram que:

[...] tende-se a se pensar que as tecnologias digitais de informação e comunicação fazem surgir novos paradigmas ou perspectivas educacionais e ajuda a explicar por que praticamente todas as perspectivas sobre o ensino e a aprendizagem podem argumentar que encontraram no computador um aliado de valor inestimável.

Nesse contexto, a introdução das tecnologias visam melhorar os recursos midiáticos em sala de aula, seja presencial ou virtual, tornando-se mais uma ferramenta produtiva no processo de ensino-aprendizagem. Apropriar-se das ferramentas tornou-se tão necessário como os conteúdos que são estudados e planejados para serem desenvolvidos em sala de aula.

O Google Sala de Aula, também conhecido como Google Classroom, é uma ferramenta com a mesma finalidade do Moodle, na qual são organizadas as aulas. De acordo com Schiehl e Gasparini (2016, p.6):

O Google Sala de Aula é uma sala virtual, onde o professor organiza as turmas e direciona os trabalhos, usando ou não as demais ferramentas do Google Apps. O professor acompanha o estudante no desenvolvimento das atividades e, se necessário, atribui comentários e notas nas produções realizadas. A cada nova atividade inserida, os estudantes recebem uma mensagem no e-mail, independente se o estudante compareceu nas aulas presenciais e há a possibilidade do estudante participar ativamente das atividades complementares ou de pesquisa. Além disso, o professor pode convidar os responsáveis dos estudantes, cadastrando seus e-mails, para acompanhar o desenvolvimento de seus filhos nas atividades, agendas e avisos pertinentes - um vínculo que aproxima família e escola.

Outras duas plataformas fundamentais utilizadas durante a pandemia que estreitaram a distância entre aluno, professor e escola foram o Google Meet e Zoom. Ambas as ferramentas permitem a realização de videoconferências com as turmas em que se pretende ministrar as aulas, facilitando, por exemplo, a apresentação e explicação dos conteúdos.

Faz-se necessário explicitar que no momento em que os sujeitos participantes responderam o questionário, alguns já estavam vivenciando as duas realidades de ensino (remoto e híbrido), assim, a questão 13 questionou quais instrumentos metodológicos foram utilizados em ambas as situações e qual dos materiais poderiam ser indicados para outros colegas da área.

Os sujeitos participantes sugeriram inúmeras plataformas que poderão contribuir com a ludificação do ensino e por consequência, incentivar a participação

dos alunos nas aulas de Química ou de outras disciplinas. Segundo os participantes, os instrumentos metodológicos utilizados foram:

- Participante 1 (rede pública e privada): *“Utilizei bastante o Powerpoint, o Canva, vídeos do YouTube, Jambord e o Padlet. Recomendaria o Padlet, por ser um instrumento fácil de utilizar, deixando a atividade mais criativa e dinâmica.”*
- Participante 2 (rede privada): *“Google meet é muito bacana. Pois ele permite gravar de Química se o aluno faltou por motivo de doença. Usei também jogos online, que o colégio fornece uma plataforma em que eu consegui simular concentração molar, por exemplo.”*
- Participante 3 (rede privada): *“Google Classroom, meet, jamboard, mentimeter, socrative, wordwall, kahoot. Recomendo o kahoot pois envolve os alunos testando o que foi aprendido e o socrative que auxilia na avaliação.”*
- Participante 4 (rede pública): *“Google sala de aula. Facilidade em trabalhar.”*
- Participante 5 (rede privada): *“Good Aplicativos de gamificação - kahoot, wordwall. Aplicativo para coleta de feedback dos estudantes - Mentimeter: importante avaliar as metodologias usadas e acompanhar o aprendizado dos estudantes em sala de aula. Facilidade em trabalhar.”*
- Participante 6 (rede pública): *“No ensino híbrido está sendo utilizado o Google Classroom para a postagem de atividades para a turma da semana que está no modo remoto e eu recomendo esta plataforma por ser uma plataforma bem completa, onde possuímos vários recursos para o nosso auxílio.”*

Diante das manifestações acima, observa-se que foram utilizadas diversas ferramentas para que as aulas fossem ministradas de forma remota e híbrida. Destacam-se, principalmente, o Google Sala de aula, o Moodle e o AVA direcionados para postagem das orientações e organização das aulas. O Google Meet e o Zoom foram utilizados para a realização das videoconferências. Vale destacar que, enquanto docente, foi possível aliar o google meet ao jambord para o desenho de moléculas no ensino da Química orgânica. Plataformas como o Kahoot e o Wordwall permitiram a criação de jogos lúdicos online sobre os diferentes conteúdos de química. Padlet e Mentimeter auxiliaram na produção de mapas mentais e murais sobre temas contextualizados, enquanto que através do Canva e

do Power Point criou-se folders e apresentações sobre a matéria específica de Química. Na perspectiva de aliar a teoria à prática, utilizou-se vídeos experimentais disponíveis no Youtube para facilitar a compreensão do conteúdo.

Nessa linha de pensamento, Vieira (2020, p. 9) explica que:

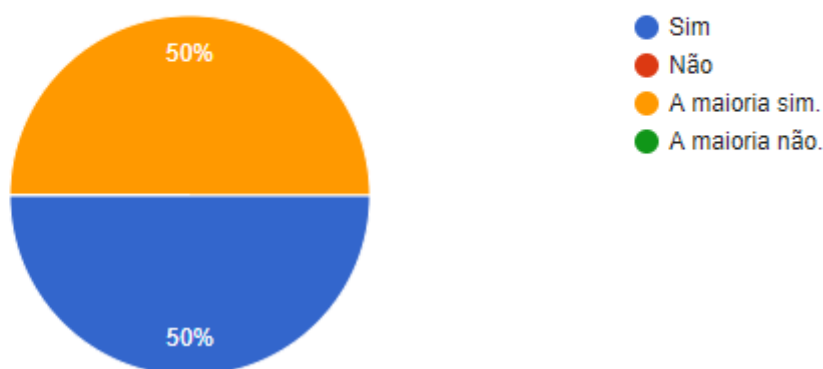
O Google Sala de Aula dá acesso a outros aplicativos como o Google Docs, que permite a construção de textos colaborativos, ao Google Apresentações, para elaboração de slides em equipes, Google Forms, para produção de testes e questionários, Google Meet para promoção de reuniões e aulas síncronas, ou seja, aulas em que professores e alunos se encontram ao mesmo tempo para estudarem ou tratarem um determinado assunto/conteúdo, entre outros. Logo, estas ferramentas permitem interações tanto síncronas, quanto assíncronas o que as torna uma alternativa prática, barata e viável, principalmente para o momento de pandemia, no qual não foi possível grandes investimentos por parte dos gestores públicos, os quais acabaram se concentrando na saúde, prioridade máxima em todas as esferas do poder.

Portanto, apesar de todas essas ferramentas citadas acima contribuírem no desenvolvimento do trabalho de docentes e no processo de ensino e aprendizagem dos discentes, sabe-se que devido a problemas econômicos e sociais, grande parte dos alunos não têm acesso à internet. Nessa perspectiva, a questão 14 buscou identificar a porcentagem de alunos que dispõe do sinal de internet em suas casas.

Como resultado, obteve-se que 50% dos alunos possuem acesso à internet, enquanto os outros 50% indicam que parte dos discentes conseguem acesso à internet.

Gráfico 4 - Quantidade de alunos com acesso à internet - participantes do questionário em relação aos discentes.

Os discentes das tuas turmas possuem acesso à internet em suas casas?



Fonte: dados da pesquisa elaborada pelo(a) autor(a) através do Google Formulários (2021).

Ao analisar o gráfico, entende-se que a pandemia da COVID-19 intensificou inúmeros problemas sociais já existentes, como no caso do acesso à internet. Ferramenta que passou a ser fundamental para que os docentes pudessem ministrar suas aulas ao mesmo tempo em que os alunos tivessem acesso às mesmas.

Segundo Tokarnia (2020), após analisar os dados obtidos pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua - Tecnologia da Informação e Comunicação (Pnad Contínua TIC), no ano de 2018, cerca de 46 milhões de brasileiros não possuíam acesso à internet. Enfatizou que essa informação caracteriza as pessoas que não acessam por falta de interesse, de conhecimento, de equipamentos ou ainda, por não saberem manusear.

Em contrapartida, Silva (2020, p. 4) também aponta que:

[...] é inegável que a presença das tecnologias da informação e da comunicação no cotidiano já havia refletido-se na educação mesmo antes da pandemia, haja visto o uso pedagógico que estava sendo feito de aplicativos de mensagens e de plataformas de comunicação por vídeos. Então, usar tecnologias da informação para manter a interação com os alunos foi umas das opções viáveis neste contexto de pandemia.

Logo, compreende-se que apesar de a internet não ter resolvido o problema de manter o contato com os alunos, dando sequência nas aulas, ainda assim, diante de todas as situações impostas pela pandemia, foi a mais viável.

E, assim como destacado acima, uma vez que parte dos alunos não têm acesso à internet, tornou-se necessário pensar em estratégias para que esses discentes também tivessem acesso às aulas.

Na busca de novas ideias, oportunidades e compartilhamento da prática pedagógica dos participantes deste questionário, a questão 15 visava identificar qual estratégia foi necessária adotar para atingir o maior número de alunos e qual consideraram efetiva.

Com exceção dos participantes 3, 4, 5 e 6, na qual seus alunos dispõem de acesso a internet, os demais relataram que foi necessário adaptar o material para que os alunos pudessem retirar os mesmos de forma impressa. Preocupados com o aprendizado das crianças e adolescentes, os professores participantes compreendem que, apesar de ser uma das poucas opções de atingir a grande maioria de alunos, ainda assim não é a mais efetiva. Sabe-se que o contato direto com o docente e a explicação do conteúdo são fundamentais para a compreensão da matéria. E, na ausência disso, muitos pais assumiram, de forma humilde e

singela, o papel dos professores, na tentativa de contribuir no desenvolvimento dos seus filhos(as). Há também aqueles que por inúmeros motivos não puderam contribuir para a formação destes jovens.

Paralelamente, na certeza de que o vínculo entre alunos e professores deve ser mantido independente da situação, a questão 16 questionou os participantes sobre quais medidas foram necessárias para que isso pudesse acontecer, destacando aspectos positivos e negativos.

Segundo os sujeitos participantes, foram utilizadas redes sociais como o whatsapp, reuniões através do Google Meet com os discentes e as famílias, ligações para os pais realizadas pela direção da escola, plataformas digitais que permitiram o feedback das atividades realizadas semanalmente, entre outros.

- Participante 1 (rede pública e privada): *“Sim, além das atividades impressas, ligações por parte da escola e grupos de Whats.”*
- Participante 2 (rede privada): *“Sim. A escola forneceu projetos científicos, com o professor e o aluno.”*
- Participante 3 (rede privada): *“Aulas pelo meet com câmera aberta e solicitando a participação dos alunos na aula, principalmente nas resoluções e correções de exercícios e nas apresentações de trabalhos.”*
- Participante 4 (rede pública): *“Sim. Ligação para família. Foi bom. Negativo foi o descaso da família.”*
- Participante 5 (rede privada): *“Estratégias de vínculos foram: pedir feedback pelo Mentimeter, avaliar semanalmente a aprendizagem dos estudantes via chat, selecionar músicas preferidas dos estudantes para colocar na hora dos exercícios de aula. Fiz da professora a DJ para estreitar laços e me aproximar dos estudantes. A música foi uma ótima ferramenta pois consegui me comunicar via chat pelo menos para que eles me sugerissem músicas.”*
- Participante 6 (rede pública): *“As estratégias utilizadas para manter o contato com os alunos foram os grupos de Whatsapp e isso fez com que os mesmos se sentissem mais “em casa” por estarem utilizando algo que já estão acostumados. Mas mesmo com essa utilização, os estudantes comentam da falta que a escola fez.”*

Dessa forma, reitera-se a importância dos profissionais da educação, sejam eles docentes, diretores(as), supervisores(as), coordenadores(as), secretários(as) e funcionários(as), que durante esse período não mediram esforços para atender quem dá vida ao ambiente escolar e torna significativo o trabalho de todos: os(as) alunos(as).

Posteriormente, com o intuito de compreender como os professores se apropriaram das novas ferramentas e plataformas digitais, a questão 17 solicitou aos docentes participantes se a equipe de gestão da escola proporcionou cursos e formações que visavam o domínio desses instrumentos. Se sim, qual, e do contrário, se o docente acredita que a formação fez falta.

Ao analisar as respostas, pode-se perceber que parte dos participantes afirmou ter tido a oportunidade de participar de formações que contribuíram para a utilização dessas ferramentas metodológicas, enquanto que o restante dos sujeitos manifestou a necessidade de procurar por conta cursos e formações que pudessem auxiliar no aprimoramento das aulas.

- Participante 1 (rede pública e privada): *“O estado do RS ofertou uma formação chamada Letramento Digital, fiz também uma formação paralela para aprender e orientar meus colegas a utilizar o Google Sala de Aula e os meios virtuais de aprendizagem.”*
- Participante 2 (rede privada): *“Como eu iniciei essa profissão no meio da pandemia. Não tive nenhum curso. Sentia muita dificuldade no início, mas fui pedir ajuda aos professores e eles foram me ajudando.”*
- Participante 3 (rede privada): *“Não tive curso. Tudo pesquisado e aprendido no decorrer da pandemia e conforme a necessidade de inovação.”*
- Participante 4 (rede pública): *“Sim. Da UCS e letramento digital/RS.”*
- Participante 5 (rede privada): *“Em uma das escolas temos uma equipe de TE e era possível gravar e ter suporte técnico na escola com agendamento, via WhatsApp. Cursos sobre as novas ferramentas não tivemos. Eu busquei de forma independente cursos de edição de vídeos, canais no YouTube e assisti muitas lives sobre metodologias ativas e ensino remoto. Recomendaria seguir profissionais nas redes sociais e fazer cursos rápidos.”*
- Participante 6 (rede pública): *“Não proporcionou, acredito que a formação faz falta para que a gente consiga ter uma visão fora da bolha na qual criamos e estamos acostumados.”*

Corroborando as ideias já apresentadas neste trabalho referente a importância das formações continuadas para os docentes, durante o período pandêmico, tornou-se extremamente necessário proporcionar momentos de novas aprendizagens tecnológicas e metodológicas, pois grande parte dos professores, geralmente àqueles que estão no final de sua trajetória docente, não tinham o domínio dessas ferramentas.

Compreende-se que, da mesma forma, quando um discente tem acesso ao conteúdo e a explicação torna-se significativa, lhe proporcionando felicidade e segurança para seguir nos estudos, o mesmo deve, ou deveria, acontecer com os docentes em relação ao conhecimento tecnológico. Aliado a isso, problemas como o desgaste emocional, frustrações, estresse, e insegurança poderiam ser evitados, garantindo assim, a qualidade do ensino e o bem estar dos professores.

Ainda, com o propósito de verificar possíveis modificações na identidade dos professores, a questão 18 abrangeu esse tema, permitindo ao participante refletir sobre si e sua prática pedagógica. A grande maioria dos sujeitos acredita que a pandemia causou mudanças na educação como um todo, transformando as aulas, docentes, discentes e famílias.

- Participante 1 (rede pública e privada): *“Acredito que sim. Pois foi um momento difícil, de muitas adversidades mas por outro lado muitas aprendizagens. O uso da tecnologia vai permanecer e deve ser uma aliada no processo de ensino aprendizagem.”*
- Participante 2 (rede privada): *“Sim. Percebe-se o desgaste por parte dos professores, principalmente os que estão lecionando há muitos anos. É difícil se adaptar a esse mundo totalmente digital. As provas são tudo online.”*
- Participante 3 (rede privada): *“Sim. Cada vez mais tecnológicos e com mais rapidez na resolução de problemas.”*
- Participante 4 (rede pública): *“Creio que sim. Mudança de metodologia.”*
- Participante 5 (rede privada): *“Acredito que sim. Sou uma professora muito animada e preocupada com o aprendizado dos meus estudantes. Eu mudei muito meu jeito de avaliar, de significar os conteúdos. Sempre penso em como verificar a aprendizagem do meu estudante , seja por aplicativos, chat, etc. Sou uma professora que pensa mais em tornar minhas aulas mais*

atrativas e interativas. Buscando sempre adicionar algum elemento da gamificação nos meus planos de aula. Os professores que não tiveram alguma mudança na sua identidade profissional nesta pandemia, perderam a oportunidade de inovar, buscar novas metodologias ou então não estão muito bem emocionalmente. Acredito que a pandemia mexeu e mudou muito as pessoas e professores, para melhor aprendendo mais e aproveitando o momento de crise. Outras que para pior penso que emocionalmente não tiveram condições e suporte psicológico para repensar sua prática.”

- Participante 6 (rede pública): *“Acredito que sim, acredito que a pandemia nos mostrou que mudanças são sempre necessárias e a adaptação é a base de muita coisa. Eu acho que eu mudei a minha forma de pensar e planejar e isso é algo muito bom.”*

Segundo Nóvoa (1992, p. 16) a “identidade do professor foi desenvolvida e adaptada ao ambiente sócio-político e histórico”, ou seja, está centrada em relações sociais e históricas que foram sendo construídas com o passar do tempo e, portanto, está baseada na relação entre a cultura, sociedade e educação. Nessa perspectiva, entende-se que cada docente constrói e reconstrói sua identidade a partir das suas vivências dentro e fora do ambiente escolar.

Levando em consideração que é parte da figura docente a constante reconstrução da sua práxis pedagógica, as mudanças ocasionadas pela pandemia, sem dúvida afetam emocionalmente o ser humano professor e a sua forma de trabalhar, mas não o impedem de fazer com que a educação continue acontecendo, transformando vidas e dando oportunidades para o crescimento pessoal e profissional.

Ao finalizar o questionário, abriu-se um espaço para sugestões e comentários aos sujeitos participantes referente ao formulário ou questões que ainda poderiam ser exploradas. Os participantes 1, 3 e 4 abstiveram-se desse questionamento, enquanto que os sujeitos 2, 5 e 6 trouxeram contribuições importantes, sendo enaltecidas a seguir:

- Participante 2 (rede privada): *“Por mais que apareçam obstáculos, sempre devemos seguir firme e forte na docência. Que é a profissão mais linda que*

existe. Todos, um dia foram ensinados por um professor. Não podemos nos desanimar, com as situações do momento. Acredito que tudo vai melhorar!

- Participante 5 (rede privada): *Gostaria de deixar minha opinião sobre a avaliação. Percebi que a forma de avaliar deve ser revista e reavaliada urgentemente. A pandemia nos mostrou que saber pesquisar e usar os aprendizados através de consulta aos materiais de aula são muito mais válidos do que fazer aquelas provas cobrando que estudantes saibam aquelas nomenclaturas decotadas, por exemplo. Percebo que resolver uma situação problema seria uma avaliação muito mais proveitosa permitindo fazer o estudante aplicar os conceitos para algo que seja significativo ou seja que tenha um objetivo que não seja memorizar e decorar conceitos e fórmulas.”*
- Participante 6 (rede pública): *“Ótima pesquisa!”*

Contudo, após participar ativamente desse processo de estudo e compreensão, não somente como pesquisador, mas também como sujeito que está diariamente em sala de aula, ou na sala de casa, vivenciando situações muito parecidas com as que foram relatadas anteriormente, reitero a importância de compartilhar as práticas pedagógicas desenvolvidas por todos os docentes, criando assim, uma rede de apoio que servirá de sustentação para superação desse momento instável que é a pandemia.

A tecnologia sempre esteve presente em nossas vidas, mas, geralmente, como forma de comunicação e lazer. Mais do que nunca, hoje, torna-se necessário utilizá-las à nosso favor, criando grupos de whatsapp, telegram, facebook, entre outros, para que cada vez mais possamos estar unidos, na constante busca por uma educação de qualidade. Por reconhecimento e valorização da única profissão que forma todas as outras. Que transforma sonhos em realidade. Que resgata o que há de melhor no ser humano: a empatia, o respeito, o amor, a capacidade de se reinventar. E isso tudo através do conhecimento.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho de conclusão de curso permitiu a compreensão sobre os principais desafios impostos pela pandemia do COVID19 aos docentes, especificamente, os professores de Química do Ensino Médio. Através de pesquisas bibliográficas e das respostas obtidas a partir do questionário aplicado a um grupo de docentes, verificou-se como as mudanças impulsionadas pela pandemia interferiram na vida pessoal e profissional dos mesmos. Para além disso, buscou-se compreender de que maneira as aulas passaram a ser ministradas, identificando, nesse contexto, ferramentas tecnológicas e metodologias que tenham favorecido a manutenção da relação entre aluno, professor, escola e conhecimento.

Com o intuito de aprofundar as leituras e reflexões realizadas durante a construção do referencial teórico deste trabalho, principalmente sobre como a identidade docente vem sofrendo alterações com o passar dos anos e, por consequência, como a docência precisou ressignificar sua prática devido às transformações provocadas pela pandemia, aplicou-se o questionário a seis professores, sendo estes da rede pública e privada de ensino, docentes na disciplina de Química. Como resultado, observou-se mudanças significativas na suas rotinas, afetando diretamente quem reside ou convive com eles.

Ao encontro disso, corrobora-se a ideia de que enquanto ser humano, o professor, diante de tanto trabalho pedagógico e burocrático, sofreu desgaste emocional, prejudicando a sua qualidade de vida. Nesse âmbito, torna-se importante entender que tais situações refletem não somente na vida do professor, mas indiretamente nas suas competências e habilidades enquanto docente, podendo refletir nas relações com os colegas de trabalho e rendimento dos discentes.

Nesse contexto, outros desafios foram surgindo ao longo do período pandêmico, que por sua vez, tornaram-se evidentes nos relatos dos sujeitos participantes, mas também, através da minha prática enquanto docente. Com o passar do tempo, os professores, após terem aprofundado os conhecimentos na área tecnológica quanto ao uso de ferramentas e metodologias educacionais, de forma autônoma ou através de cursos oferecidos pelas instituições, perceberam a necessidade de investimentos em aparelhos como celulares, notebooks, aumento na velocidade da internet, mesas digitalizadoras ou até mesmo em espaços nas suas

próprias casas, com o intuito de melhorar a qualidade do ensino e aproximar os discentes “à nova sala de aula”.

Na esteira dessas ideias, é válido ressaltar o uso dos celulares, como principal instrumento de apoio nos estudos, substituindo, até mesmo, os tradicionais materiais escolares. Nessa perspectiva, pode-se observar não somente uma mudança cultural, mas os primeiros indícios de uma nova mudança na identidade profissional e prática docente.

Nesse âmbito, impulsionados pelos efeitos da pandemia do Covid-19, torna-se possível analisar os reflexos positivos e negativos em relação à Educação. Sendo assim, compreende-se como pontos positivos, todos os conhecimentos adquiridos para o domínio das ferramentas tecnológicas, exploração de projetos interdisciplinares, metodologias ativas e o desenvolvimento de habilidades socioemocionais, tanto para discentes como também para docentes. Em contrapartida, destaca-se como pontos negativos, o aumento significativo na carga horário de trabalho sem a devida valorização salarial, que por sua vez, com o passar do tempo, impediu com que as relações familiares fossem estreitadas, impossibilitando uma vida saudável, desmotivando os docentes. Para além disso, inúmeras horas em frente ao computador, a ausência da relação direta entre o professor, aluno e escola, e as diferentes realidades dos discentes impediram com que as aulas atingissem a todos da mesma forma. Paralelamente, o contexto pandêmico, que afeta emocionalmente quem acompanhou, e ainda acompanha, a realidade de diversos brasileiros, que engloba a perda de familiares para a doença, a falta de emprego, de moradia e tantos outros problemas sociais.

Na perspectiva de que novos caminhos de ensinar e aprender foram traçados, e na busca por minimizar as mudanças provocadas pela pandemia, obteve-se como resultado a utilização de plataformas virtuais para a postagem das aulas e momentos síncronos e reuniões com pais, como o Google Sala de Aula, Google Meet, Zoom, Moodle, Microsoft Teams e AVA. Da mesma forma, a exploração de plataformas lúdicas como o Kahoot, Wordwall, Mentimeter, Jambord, Canva, Power Point, vídeos do Youtube (principalmente para demonstrar experimentos aplicados a área da Química) e Padlet, na perspectiva de tornar as aulas mais atrativas e incentivar a participação dos alunos nas aulas de Química e das outras disciplinas.

Vale destacar que, para além dos aplicativos e plataformas citados acima, também foram utilizadas redes sociais como o Whatsapp, Facebook e Telegram

para aproximar as famílias da realidade escolar e criar redes de apoio entre professores, desenvolvendo e compartilhando materiais pedagógicos.

Em efeito, levando em consideração que o Brasil ainda é afetado por uma desigualdade social severa, vários alunos não tiveram acesso à internet, impossibilitando o uso e a exploração das ferramentas citadas acima. Dessa forma, tornou-se necessário pensar em estratégias que viabilizassem o contato com a escola. Segundo informações obtidas através do questionário, retirar os materiais impressos na escola tornou-se uma alternativa viável para esse grupo de discentes. Ainda assim, o contato direto com o professor, tão essencial para a compreensão do conteúdo, não era possível. E, na ausência disso, muitas famílias assumiram, de forma humilde e singela, o papel dos docentes, na tentativa de contribuir com o desenvolvimento das crianças, jovens e adolescentes, enquanto outros, com escolaridade igual ou inferior à de seus filhos(as), não puderam contribuir de forma significativa na formação dos discentes.

Nesse viés, acredito ser importante enaltecer o trabalho desenvolvido pela comunidade escolar, na qual refiro-me ao corpo docente, diretores(as), coordenadores(as), secretários(as) e funcionários(as). Ao unir forças, todas as pessoas que compreendem as instituições de ensino, continuaram lutando diariamente para que, dentro das limitações de cada realidade, o lanche, a cesta básica e as aulas continuassem chegando até os alunos e suas famílias, afinal, manter vivo o espírito de empatia, respeito e amor pelo próximo, também possibilitou vida ao ambiente escolar na ausência física dos discentes.

Ao perceber tamanhas transformações na Educação, desde o deslocamento do espaço de trabalho, as horas dedicadas à profissão, as formas de interação do aluno com o professor, aparelhos e ferramentas tecnológicas e mudanças na perspectiva docente e identitária, é imprescindível afirmar a importância da formação continuada dos docentes através de cursos que exploram, principalmente, a prática. Nesse momento, mais do que nunca, tornou-se necessário focar em como aplicar a teoria na realidade em que se está inserido. E, levando em consideração que inúmeros docentes, geralmente os que já estão no final da sua trajetória profissional, não possuem domínio e conhecimento referente a tecnologia, de que forma esses professores conseguiram desenvolver suas aulas? Tal questionamento é fundamental para compreender que nem sempre as aulas serão atrativas, motivando a participação dos alunos nas aulas. O fato é que alunos, professores, direção e

famílias não podem ser julgados por um problema que está relacionado à falta de investimento e incentivo à profissão.

Entende-se que, diante dos cenários que englobam preocupações, incertezas e medo, a qualidade do ensino, aliado às transformações educacionais provocadas pela COVID-19, somente torna-se possível quando parcerias são formadas. Diariamente observa-se exemplos de realidades que não dispõem da melhor infraestrutura, convívio social, condições financeiras favoráveis e estrutura familiar, mas que ao compreender que a escola é a ponte para um futuro melhor, possibilitam práticas pedagógicas que oportunizem o desenvolvimento pessoal e profissional desses alunos. Tal fenômeno motiva os docentes, afinal, participar do processo de crescimento das crianças, jovens e adolescentes e vê-los alavancar é, sem dúvida, uma das maiores gratificações da profissão.

Ao finalizar este estudo, destaco a importância da pesquisa e da ciência na busca pela vacina contra a COVID-19. Tal descoberta é importante para que o convívio e as relações sociais voltem a acontecer como antes, ou então, muito próximo do que era. É indiscutível a necessidade que o ser humano tem de se relacionar com o outro, afinal, é isso que torna possível a construção da sua identidade, dos conhecimentos prévios que posteriormente são transformados em sala de aula, a formação de laços, de grupos de amigos e também a constituição das diferentes famílias.

REFERÊNCIAS

ALVES, N. **O espaço escolar e suas marcas: o espaço como dimensão material do currículo**. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

ARAUJO, Wanna Santos de. **A influência da formação docente no desempenho dos alunos: enfocando ciências naturais e matemática**. VI Colóquio Internacional Educação e Contemporaneidade. São Cristóvão - SE. 2012. Disponível em: < <https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/10179/100/121.pdf> >. Acesso em 26 de ago. de 2021.

ATKINS, Peter. **Princípios de química : questionando a vida moderna e o meio ambiente** [recurso eletrônico] / Peter Atkins, Loretta Jones, Leroy Laverman ; tradutor: Félix José Nonnenmacher; revisão técnica: Ricardo Bicca de Alencastro. – 7. ed. – Porto Alegre: Bookman, 2018.

BACCON, Ana Lúcia Pereira; MENDES, Thamires Christine. Profissão docente: o que é ser professor. In: **Educare: XII Congresso Internacional de Educação. PUCPR**. 2015.

BELOTTI, Salua Helena Abdalla; FARIA, Moacir Alves de. **Relação professor/aluno**. Saberes da Educação, v. 1, n. 1, p. 01-12, 2010.

BORGES, C. M. F. **O Professor de Educação Física e a Construção do Saber**. Campinas, SP: Papyrus, 1998.

CARLOTTO, M. S. **A Síndrome de Burnout e o trabalho docente**. Psicologia em estudo, Maringá, v.7, n.1, p. 21-29, jan/jun, 2002. Disponível em: <<http://scielo.br/pdf/pe/v7n1/v7n1a03.pdf>> Acesso em: 11 ago. 2021.

CNTE - **Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação. Diretrizes para a educação escolar durante e pós-pandemia**. 2020. Disponível em: < <https://www.sintesc.org.br/files/1081/diretrizes.pdf> >. Acesso em 11 ago. de 2021.

DA SILVA, Ellery Henrique Barros; DA SILVA NETO, Jerônimo Gregório; DOS SANTOS, Marilde Chaves. Pedagogia da pandemia: reflexões sobre a educação em tempos de isolamento social. **Revista Latino-Americana de Estudos Científicos**, p. 29-44, 2020.

DE ANDRADE, André Vitor Chaves; BRINATTI, André Maurício; DA SILVA, Silvio Luiz Rutz. **O uso do Google Forms como instrumento de revisão de competências em Física Experimental em um curso de Licenciatura em Física**. 2018.

DE LIMA FARIAS, Jucilene Pereira. **A INFLUÊNCIA DAS RELAÇÕES ENTRE PROFESSOR–ALUNO NO PROCESSO DE ENSINO–APRENDIZAGEM**. 2014.

FERREIRA, Jorge Carlos Felz. **Reflexões sobre o ser professor: a construção de um professor intelectual**. Biblioteca on-line de Ciências da Comunicação, p. 1-8, 2003. Disponível em <

<http://bocc.ubi.pt/pag/felz-jorge-reflexoes-sobre-ser-professor.pdf> >. Acesso em 25 de ago. 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 30 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004 (Coleção leitura).

FREIRE, Paulo. **A educação na cidade**. São Paulo: Cortez, 1991.

GERALDI, João Wanderley. **A aula como acontecimento**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

IBIAPINA, I. M. L. De M. **A trama: o significado de docência**. In: IBIAPINA, I. M. L. De M.; 2007.

JULIA, Dominique. **A cultura escolar como objeto histórico**. Revista Brasileira de História da Educação, Campinas, n. 1, p. 9-43, 2001. Disponível em: < <http://repositorio.unifesp.br/bitstream/handle/11600/39195/Dominique%20Julia.pdf?sequence=1&isAllowed=y> >. Acesso em 26 de ago. de 2021.

LIBÂNEO, J. C. **Organização e gestão da escola: teoria e prática**. Goiânia: Editora Alternativa, 2004.

MARCELO, C. Desenvolvimento profissional docente: passado e futuro. **Ciências da Educação**, n.8, 2009, p.7-22.

NIAS, Jennifer. **Changing Times, Changing Identities: Grieving for a Lost Self**. In: BURGESS, Robert G. **Educational research and Evaluation: For Policy and Practice?**. Washington, DC. The Falmer Press. 1993. P. 139 - 156. Disponível em: < https://books.google.com.br/books?id=Pqk7Lv16vjMC&pg=PA139&lpg=PA139&dq=Nias,+Jennifer.+%22Changing+Times,+Changing+Identities:+Grieving+for+a+Lost+Self%22.+In+Educational+Research+and+Evaluation&source=bl&ots=hDAkPkuOoh&sig=ACfU3U1h4CNZZkY9IPW8Y1A3t27ciH6q-g&hl=pt-BR&sa=X&ved=2ahUKEwjY3rjr_kZ_yAhUQHrkGHervBBkQ6AF6BAgjEAM#v=onepage&q&f=false >. Acesso em 10 de ago. de 2021.

NÓVOA, António. **Formação de professores e profissão docente**. 1992.

NÓVOA, A. (1995). **O passado e o presente dos professores**. In: NÓVOA, António. **Profissão Professor**. Porto. Porto Editora. (p.13-34).

PEREIRA, M. C. & COUTINHO, D. J. G. **Tecnologia e sua significação na Educação à Distância**. Brazilian Journal of Development, v. 6, n. 3, p. 13281-13293, 2020.

PIMENTA, Selma Garrido. Formação de professores: saberes da docência e identidade do professor. **Revista da Faculdade de Educação**, v. 22, n. 2, p. 72-89, 1996.

REZENDE, Henrique de Paula; CARVALHO, Christina Vargas Miranda e; SILVEIRA, Hélder Eterno da. **Contribuições do pibid na formação continuada de**

professores supervisores: uma revisão de publicações entre 2011 e 2019. Uberlândia: Realize Eventos Científicos e Editora Ltda, 2020. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/index.php/artigo/visualizar/65327>. Acesso em 08 de ago. de 2021.

RIBEIRO, M. M. G.; FERREIRA, M. S. (Org.) **Pesquisa em educação: múltiplos olhares.** Brasília: Liber Livro, 2007, p. 29-50.

RICCARDI, Danielle Karst. **O desenvolvimento das competências de alunos formandos do curso de administração de uma universidade pública.** 2011. Disponível em: < <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/39217> >. Acesso em 20 de ago. 2021.

RIO GRANDE DO SUL. **Decreto n.º 55.154, de 1 de abril de 2020.** Reitera a declaração de estado de calamidade pública em todo o território do Estado do Rio Grande do Sul para fins de prevenção e de enfrentamento à epidemia causada pelo COVID-19 (novo Coronavírus), e dá outras providências. Disponível em: < <https://estado.rs.gov.br/upload/arquivos//decreto-55-154-01abr2020.pdf> >. Acesso em 10 de maio de 2021.

ROSA, M. I. P.; ROSSI, A. V. **Educação química no Brasil: memórias, políticas e tendências.** Campinas: Átomo, 2008.

ROCHA, V. M. da; FERNANDES, M. H. **Qualidade de vida de professores do ensino fundamental: uma perspectiva para a promoção da saúde do trabalhador.** *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, n. 57, v.1, p. 23-27, 2008. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S004720852008000100005&script=sci_abstract&tlng=pt > Acesso em: 10 de jul. de 2021.

SANCHO, J. M.; HERNÁNDEZ, F. (Org.). **Tecnologias para transformar a Educação.** Porto Alegre: Artmed, 2006.

SANTOS, Adelcio Machado. **Educação à distância – análise dos desafios futuros.** *Brazilian Journal of Development*, v. 6, n. 7, p.45341-45354, 2020.

SCHIEHL, Edson Pedro; GASPARINI, Isabela. **Contribuições do Google Sala de Aula para o ensino híbrido.** *RENTE*, v. 14, n. 2, 2016.

SILVA, J. B. “Os desafios da docência remota no cenário de pandemia da Covid-19 na rede municipal de ensino de Morrinhos-CE”. *Anais do VII Congresso Nacional de Educação*, 2020. Disponível em: https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2020/TRABALHO_EV140_MD1_SA19_ID2290_16092020104422.pdf. Acesso em: 12 de ago. de 2021.

TARDIF, M. **Saberes Docentes e Formação Profissional.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

TODOS PELA EDUCAÇÃO. **Quando o salário de professor não paga as contas.** 2018, disponível em: <

<https://www.todospelaeducacao.org.br/conteudo/professor-segundaatividade>. >
Acesso em: 04 ago. 2021.

TOKARNIA, Mariana. A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua - Tecnologia da Informação e Comunicação (Pnad Contínua TIC) 2018. Disponível em :<<https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2020-04/um-em-cadaquatro-brasileiros-nao-tem-acesso-internet#:~:text=A%20Pesquisa%20Nacional%20por%20Amostra,n%C3%A3o%20tem%20acesso%20%C3%A0%20internet.>> . Acesso em 14 de ago. de 2021.

TOZETTO, S. S. Trabalho docente e suas relações com o saber. In: _____. **Trabalho docente: saberes e práticas**. Curitiba: CRV, 2010. p.21-51.

VIEIRA, M. de Cleomar. **As ferramentas google como facilitadoras do processo de adaptação docente ao ensino remoto: dúvidas, contribuições e aprendizagens vivenciadas na escola Gustavo Barroso, em Jaguaribe-Ceará**. In: VII CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 2020, Maceió - AL. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2020/TRABALHO_EV140_MD1_SA19_ID6623_22092020104419.pdf> . Acesso em 12 de ago. de 2021

APÊNDICES

APÊNDICE 1 - Termo de consentimento

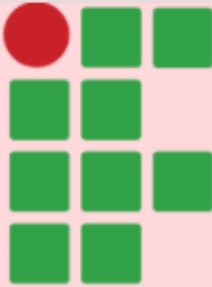
Você está sendo convidado a participar da pesquisa "A docência do professor de Química em tempos de Pandemia". O trabalho será orientado pela Docente Carine Winck Lopes (IFRS - Campus Feliz) e desenvolvido pelo discente Luan Isaías Arend (IFRS - Campus Feliz). O objetivo deste estudo é compreender quais foram as vivências, transformações e adaptações dos docentes, professores de química, no período da pandemia, ou seja, quais metodologias e ferramentas foram utilizadas nas aulas, se ocorreram mudanças em sua jornada de trabalho e de que forma ocorreram as relações entre aluno-professor-escola. Sua participação nesta pesquisa será voluntária e consistirá em aceitar participar da pesquisa (clique abaixo na resposta "sim"), informar um endereço de e-mail para receber uma cópia deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e, por fim, responder a um questionário autoaplicado, disponível online, com questionamento acerca da sua vida pessoal e profissional, desenvolvendo os objetivos citados acima. Você levará cerca de 15 minutos para responder a pesquisa. Não haverá riscos relacionados à sua participação na pesquisa. Os pesquisadores responsáveis envolvidos nas diferentes fases da pesquisa, proporcionarão assistência imediata e integral aos participantes no que se refere às possíveis complicações e danos decorrentes. A sua participação nesta pesquisa contribuirá para maior compreensão de aspectos relacionados a educação durante o período de pandemia (2020/2021). Garantimos o sigilo de seus dados de identificação primando pela privacidade e por seu anonimato. Gostaríamos de salientar que após finalizada a pesquisa, enviaremos uma cópia a todos os sujeitos participantes. Manteremos em arquivo, sob nossa guarda, por 5 anos, todos os dados e documentos da pesquisa. Após transcorrido esse período, os mesmos serão destruídos. Os dados obtidos a partir desta pesquisa não serão usados para outros fins além dos previstos neste documento. Você tem a liberdade de optar pela participação na pesquisa e retirar o consentimento a qualquer momento, sem a necessidade de comunicar-se com o(s) pesquisador(es).

Contatos:

Carine Winck Lopes (IFRS - CAMPUS FELIZ): carine.lopes@feliz.ifrs.edu.br

Luan Isaías Arend (IFRS - CAMPUS FELIZ): luan.arend.ifrs@gmail.com

APÊNDICE 2 - Questionário enviado aos sujeitos participantes



INSTITUTO FEDERAL

Rio Grande do Sul

Seção 1 de 2

Pesquisa "A docência do professor de Química em tempos de Pandemia"

✕
⋮

Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em Química do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul - Campus Feliz - RS.
Pesquisa orientada pela Professora Doutora Carine Winck Lopes e desenvolvida pelo discente Luan Isaías Arend, aluno do 7º semestre / 2021.

E-mail *

E-mail válido

Este formulário está coletando e-mails. [Alterar configurações](#)

⋮

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

📄
🗑️
⋮

Você está sendo convidado a participar da pesquisa "A docência do professor de Química em tempos de Pandemia". O trabalho será orientado pela Docente Carine [Winck](#) Lopes (IFRS - Campus Feliz) e desenvolvido pelo discente Luan Isaías Arend (IFRS - Campus Feliz). O objetivo deste estudo é compreender quais foram as vivências, transformações e adaptações dos docentes, professores de química, no período da pandemia, ou seja, quais metodologias e ferramentas foram utilizadas nas aulas, se ocorreram mudanças em sua jornada de trabalho e de que forma ocorreram as relações entre aluno-professor-escola. Sua participação nesta pesquisa será voluntária e consistirá em aceitar participar da pesquisa (clicando abaixo na resposta "sim"), informar um endereço de e-mail para receber uma cópia deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e, por fim, responder a um questionário [autoaplicado](#), disponível online, com questionamento acerca da sua vida pessoal e profissional, desenvolvendo os objetivos citados acima. Você levará cerca de 15 minutos para responder a pesquisa. Não haverá riscos relacionados à sua participação na pesquisa. Os pesquisadores responsáveis envolvidos nas diferentes fases da pesquisa, proporcionarão assistência imediata e integral aos participantes no que se refere às possíveis complicações e danos decorrentes. A sua participação nesta pesquisa contribuirá para maior compreensão de aspectos relacionados a educação durante o período de pandemia (2020/2021). Garantimos o sigilo de seus dados de identificação primando pela privacidade e por seu anonimato. Gostaríamos de salientar que após finalizada a pesquisa, enviaremos uma cópia a todos os sujeitos participantes. Manteremos em arquivo, sob nossa guarda, por 5 anos, todos os dados e documentos da pesquisa. Após transcorrido esse período, os mesmos serão destruídos. Os dados obtidos a partir desta pesquisa não serão usados para outros fins além dos previstos neste documento. Você tem a liberdade de optar pela participação na pesquisa e retirar o consentimento a qualquer momento, sem a necessidade de comunicar-se com o(s) pesquisador(es).

Contatos:
Carine [Winck](#) Lopes (IFRS - CAMPUS FELIZ): carine.lopes@feliz.ifrs.edu.br
Luan Isaías Arend (IFRS - CAMPUS FELIZ): luan.arend.ifrs@gmail.com

Você concorda em participar dessa pesquisa? *

- Sim.
- Não.

Seção 2 de 2

Questionário



Excelentíssimo(a) participante!

Desde já, agradecemos sua participação nessa pesquisa que tem por objetivo refletir sobre as mudanças que estão ocorrendo na educação durante a pandemia da COVID-19. Sem dúvida, sua contribuição será fundamental para que possamos alcançar uma educação de qualidade.

Desde já, muito obrigado(a).

Qual a sua idade? *

- 20 - 25 anos.
- 26 - 30 anos.
- 31 - 35 anos.
- 36 - 40 anos.
- Mais de 40 anos.

Qual a sua formação acadêmica? *

Texto de resposta longa

Você trabalha na rede pública ou privada de ensino? *

- Rede pública.
- Rede privada.
- Rede pública e privada.

Tempo de experiência na docência. *

- 1 - 5 anos.
- 6 - 10 anos.
- 11 - 15 anos.
- 16 - 20 anos.
- Mais de 20 anos de experiência na educação.

Quantas pessoas moram com você? Você possui filhos(as)? *

Texto de resposta longa

O que motivou você a optar pela docência? Sofreu influência de algum professor no Ensino Fundamental ou Ensino Médio? *

Texto de resposta longa

Durante este período de pandemia, foi necessária uma mudança na organização dos que moram em sua casa? Você abdicou de momentos em família devido a demanda de trabalho? Comente. *

Texto de resposta longa

Durante a pandemia, você repensou a tua escolha pela docência em algum momento? Justifique a resposta. *

Texto de resposta longa

Você precisou adquirir algum aparelho tecnológico para trabalhar em home-office? Recebeu alguma ajuda ou precisou investir com o seu próprio dinheiro? Comente. *

Texto de resposta longa

Levando em consideração o período pandêmico, qual mudança mais te desafiou? Qual mudança te exigiu maior dedicação? Comente e cite mudanças/estratégias positivas e negativas. *

Texto de resposta longa

Você considera que o home-office aumentou ou diminuiu sua jornada de trabalho? Quantificar a resposta e justificar. *

Texto de resposta longa

Os discentes das tuas turmas possuem acesso à internet em suas casas? *

- Sim
- Não
- A maioria sim.
- A maioria não.

Com relação aos alunos que não possuem acesso a internet, foi necessário adotar alguma estratégia para atingir um número maior de alunos? Se sim, você acredita que essa estratégia foi efetiva? Justifique. *

Texto de resposta longa

Qual/quais plataforma(s) virtuais você utilizou para postar/realizar as aulas síncronas e assíncronas? Se você utilizou mais de uma, qual plataforma os discentes se adaptaram com maior facilidade? Justifique sua resposta. *

Texto de resposta longa

Quais instrumentos metodológicos você utiliza/utilizou no ensino remoto (google sala de aula, meet, etc...)? E no ensino híbrido (caso você esteve vivenciando esse modelo)? Escolha um instrumento que você recomendaria para um(a) colega professor(a) de Química e justifique a sua escolha. *

Texto de resposta longa
.....

No início da pandemia, a equipe de gestão da escola proporcionou cursos e formações para os docentes que visavam o domínio de plataformas e metodologias digitais? Se sim, cite quais cursos e escolha um que você recomendaria para um(a) colega professor(a) da área de Química. Se não, acredita que esta formação fez falta? *

Texto de resposta longa
.....

Você realizou os cursos disponibilizados pela gestão da escola e/ou buscou formações por conta própria? Comente, citando o(s) curso(s) realizado(s), quais as contribuições adquiridas através das formações que influenciaram positivamente a sua prática pedagógica. *

Texto de resposta longa
.....

Foram realizadas estratégias para manter o vínculo e contato com os alunos? Qual(is)? Cite e comente sobre os aspectos positivos e negativos das estratégias utilizadas. *

Texto de resposta longa
.....

Você acredita que a pandemia causará uma mudança na identidade profissional do professor? Percebes alguma mudança na sua identidade enquanto professor? Justifique a resposta. *

Texto de resposta longa
.....

Você gostaria de comentar algo sobre a pesquisa que não tenha sido perguntado neste formulário? Fique à vontade para colaborar! *

Texto de resposta longa
.....